ANNO V - NUM 238

PREÇO 1.000 RS

JACK HOLT

7 DE JULHO DE 1923

Paratodos...

Lourenço Capuchú

Os Films da Semana

ODEON

Duqueza de Langeais (Eternal flame) — First National. Producção de 1922.

Cotação: 9 pontos.

— Boa *mise-en-scene* e grande montagem. O romance de Balzac, como argumento cinematographico, não é lá das coisas mais formidaveis, mas serve para agradar á maior parte do publico que aprecia immenso o romance e thema velhos, sempre novos, do amor, levado até ao sacrificio, com a classica entrada da amada no convento e outras coisas bonitas.

Ficou tambem um pouco sem geito, condensado como está, a historia della ora querer e elle não, depois elle querer e ella não querer e vice-versa, diversas vezes, se bem em algumas occasiões haja um pouco de motivo. Está mal scenarizado, digamos melhor. Mas o film está admiravelmente apresentado, possue bellissima photographia e é passado para um positivo de uma côr muito linda tambem e, sobretudo, tem no principal papel a divina Norma, a tão querida Norma que aliás apresenta um dos seus melhores trabalhos.

Extraordinario mesmo em muitas scenas.

Só isso já é uma grande recommendação para o nosso publico que até nem admitte um film da Norma — fraco.

Não gostámos muito de Conway Tearle. Deu austeridade ao papel mas isto lhe é muito peculiar. Tambem não nos satisfizemos com o trabalho de Rosemary Theby, apesar della estar bem adequada ao papel.

Kate Lester e Irving Cummings, esplendidos! O minuetto que é dançado no baile está bem marcado. E' um film lindo, bello, romantico, agrada bastante á vista, mas não podemos chamar-lhe um film de grande valor. Comprehendem a differença, não é?

OPERADOR Nº 4

✣ ✣ ✣

Mulher contra mulher (Wife against wife) — First National. — Producção de 1922.

Cotação: 5 pontos.

O film mais fraco talvez que tem apparecido ultimamente como "Programma Serrador".

E' muito longo e o argumento é despido de interesse e muito cacete. Só isto mata um film. Pauline Starke, nós a admiramos muito desde o seu melhor tempo que foi o na saudosa Triangle.

O seu trabalho é bom, mas o seu typo não está adequado ao papel de *Grasiella* que representa.

Para uma parisiense, modelo de pintores, falta-lhe *charme*. Uma, de quem não gostámos tambem, foi Emily Fitzroy como intrigante.

O seu typo está exaggerado.

Percy Marmont e Edward Longford, que não viamos ha longo tempo, bons.

Boa confecção.

OPERADOR Nº 4

✣ ✣ ✣

Fiel e falsa (Good references) — First National. — Producção de 1920.

Cotação: 6 pontos.

E' mais uma producção feliz da First National. Motivo inspirado para Constance Talmadge o film tem certamente na sua encantadora interprete a grande razão do seu valor.

Como comedia, não é superior ás outras que do mesmo genero já temos applaudido da First, mas o seu *metteur-en-scene* renova-se e não só as marcações como algumas de suas situações despertam curiosidade e a gente applaude com satisfação "Fiel e falsa".

Depois, o conjuncto de sua interpretação com Vicent Coleman, Ned Sparks, Mona Lisa e George Fawcett, nada pode deixar a desejar.

OPERADOR Nº 3

AVENIDA

Ladrões de corações (Straight is the way) — Cosmopolitan. — Paramount. — Producção de 1921.

Cotação: 5 pontos.

Producção fraca, de enredo commum. A mesma historia de ladrões que vão para uma villa e lá se regeneram devido á bondade dos habitantes, etc.

Ha alguns trechos divertidos e alguma coisa boa. O "cavallo fura matto" do mallogrado Van Dike Brooks está esplendido, por exemplo.

Apresentação bem commum e photographia regular. Longo, cacete até.

OPERADOR Nº 4

✣ ✣ ✣

Quem agrada, triumpha (Anna Ascends) — Paramount. — Producção de 1922.

Cotação: 7 pontos.

Justificou com absoluto agrado a curiosidade do seu titulo. Alice Brady e Nita Naldi, em tão differentes caracteres, interessam o espectador desde que se annunciam as primeiras tramas do motivo. Depois á proporção que se desenrola o romance de que Mme Anna Ayyob (Alice Brady) é a principal interprete, vamos apreciando uma variedade estupenda de typos caracteristicos tanto das espeluncas mais reles, até ao debochado e cynico mundano dos salões elegantes como David Powell, o seductor...

Ainda ha a admirar a bellissima *mise-en-scene* do film, o luxo e o extraordinario bom gosto de alguns ambientes.

OPERADOR Nº 3

MASCOTTE

Sahindo-se com a sua (Putting it over). — Richard Talmadge Prod. — Producção de 1922.

Cotação 5 pontos.

Mais um film de Richard Talmadge, um actor que appareceu no Rio, de surpresa.

Mostra mais uma vez as suas qualidades de excepcional pulador que é e joga, desta vez, um pouco de box; mas o seu melhor film continúa a ser *O desconhecido* — pelo menos onde elle mais frequentemente mostrava as suas qualidades. Os argumentos que lhe têm sido confiados têm sido fracos e se elle não tomar cuidado cahirá por completo. Por emquanto elle é novidade e está na moda e já possue um mundão de admiradores dos films no genero. Muita gente o tem comparado a Douglas Fairbanks, mas esta gente já se esqueceu deste artista, por certo. Elle é esplendido, mas Douglas tambem o é, principalmente na sua maior qualidade: pulo de altura.

Doris Pawn, uma artista que já teve a sua epocha no Rio, a saudosa ex-esposa de Rex Ingram, que antigamente era nos films da Universal, o que Alice Terry é hoje, é a *leading-woman* e está ficando velha, coitada.

OPERADOR Nº 4

PATHE'

Astucias de Cascavel (The ruse of the rattler) — Herald, distribuida pela Playgoers. Producção de Dezembro de 1921.

Cotação: 5 pontos.

Producção caracteristica do *farwest*, com os seus aspectos todos apresentados sem nenhuma novidade e da maneira mais batida. Assumpto muito estendido, em 2 partes já seria muito.

J. P. Mac Gowan é nosso conhecido antigo e sobre elle, como director e actor, ha milhares de particularidades que o espaço não nos permitte dizer.

E vocês sabem quem elle é? Uma boa opportunidade para conhecel-o bem. E' o marido da linda Helen Holmes, a rainha

dos films ferroviarios. O seu trabalho nada impressiona e os seus coadjuvantes são todos figuras popularissimas nas producções de dois rolos da Universal. Tudo é gente obscura nestes films, e vemos todos com o cargo de papeis de destaque. Tem é uma nitidissima photographia e é todo filmado na Universal City, como percebemos pela cadeia, pelas ruas classicas e milhares de vezes cinematographadas para films no genero da fabrica. Não mantem interesse algum.

A canção de penhor (Pawn Ticket 210), — Fox. — Producção de 1923.

Cotação 7 pontos.

Ahi está um film com uma admiravel interpretação de todos os artistas.

A Fox teve o seu tempo brilhante de excellentes producções, depois cahiu e tornou a levantar apresentando uns films simples, mas todos muito naturaes e singelos. Ultimamente tem apresentado muito *far-west*, mas quando sahe disto, quasi sempre apresenta qualquer coisa que no fundo tem valor.

A historia deste film nada tem demais e depois é mais uma vez uma das preferidas pela Fox: Homens que têm seu passado amoroso mal comprehendido pelos seus melhores amigos. Shirley desapparece ante a grande interpretação de dois artistas já nossos conhecidos e de grande valor: E. A. Warren e William Conklyn. Este ultimo então, que quasi sempre era visto como villão, tem um trabalho notavel, salientando-se na scena quando folheia o album de retratos, aliás um album que é todo o motivo do enredo do film. Irene Hunt tambem apparece.

Confecção commum e boa photographia.

OPERADOR Nº 4

PALAIS

Ao rugir da tempestade (Shore acres) — Metro. — Producção de 1920

Cotação: 4 pontos.

Producção bastante fraca, com um enredo sem nenhum interesse, longo e cacete.

Edward Connelly, Alice Lake, Frank Brownlee e outros tomam parte neste film, aliás dirigido pelo hoje chamado "grande" director Rex Ingram.

OPERADOR Nº 4

IDEAL

Sem nenhum auxilio (Singled handed) — Universal. — Producção de 1923.

Cotação: 8 pontos.

Film alegre e divertidissimo. A Universal faz bem em tirar "Hoot" Gibson dos papeis de grandes heróes do *far-west* e pol-o assim em films deste genero. Foi assim que elle venceu na serie de films de 2 partes que fez e assim deve continuar. Já comprehenderam isto muito bem e contractaram Edward Sedgwick para seu director, que, diga-se de passagem, é um dos factores importantes para o successo destes films. A dupla Gibson-Sedgwick foi até contemplada com uma serie de 6 films com honras especiaes, dos quaes, o primeiro, *Blink*, já está terminado e todos lhe tecem os maiores elogios.

Sem nenhum auxilio foi o film mais engraçado que o risonho "Hoot" fez até então! Elle proprio nunca o vimos tão hilariante, e o seu trabalho é adoravel. E depois os lettreiros da Universal voltaram a ser bem feitos.

Cada um delles é uma gargalhada! E depois citando Mozart, Kubbelick e Eins... tone!

Os admiradores de Gibson vão rir a valer quando virem este film.

Comedia de espirito muito fino. Não percam este film, principalmente os que estejam já aborrecidos com a monotonia dos enredos e com a caceteação das *Super-producções*. Passarão uma hora de franca alegria.

OPERADOR Nº 4

PARIS

A falsa amante (La falsa amante) — Lucio D'Ambra film.

Cotação 1 ponto.

A casa Matarazzo insiste em importar films italianos como estes de marcas baratas que até mesmo na Italia são perseguidos pela critica.

O film, em questão, levado á scena por Lucio D'Ambra, é mais uma destas coisas impossiveis de se tolerar até ao fim.

Tirado de um romance de Balzac, foi pessimamente adaptado e mal dirigido.

Lia Formia, a estrella, faz a sua estréa nas nossas telas, e, não gostámos do seu trabalho, se bem saibamos que ella, segundo a critica italiana, já tem apresentado bons trabalhos em outros films. Não é nada natural. Admiramos sómente a sua belleza esculptural e as ricas e variadas *toilettes* que apresenta.

Ones Lazzari, tambem acanhado no seu papel, que aliás não se adopta ao seu genero.

Renato Piacenti e Umberto Zannucolli, pessimos nos seus papeis, principalmente este ultimo que é de irritar os nervos. Nunca vimos tão ruim direcção.

Boa photographia.

Eis o que disse *La vita cinematographica* a respeito deste film: Lucio D'Ambra nesta ultima producção mostra mais uma vez a decadencia em que vão a sua fabrica e os seus trabalhos.

Leva ao precipicio os artistas que escolhe, tal a *mise-en-cene* que lhes dá. Mas deve haver bons films italianos, a questão é escolhel-os.

Faça como procede o Sr. Marc Ferrez com os films francezes.

OPERADOR Nº 4

POPULAR

Más linguas (Gossip) — Universal. — Producção de 1923.

Cotação: 5 pontos.

A velha historia da lucta entre o capital e o trabalho com mais um operario que prepara uma bomba para explodir a hora certa, nas mãos do dono da fabrica. Gladys Walton, muito encantadoramente vestida com trajes antigos do estado de Virginia e sempre muito galante, anima o film.

Quem escreve esta nunca perdeu sequer um trabalho della, desde o seu tempo de comedias e continúa a affirmar que o seu melhor trabalho, o de mais *valor*, continúa a ser o em *A carta de amor* e é seu grande admirador.

Ramsey Wallace desta vez é o galã, mas a gente se lembra ainda da sua villania em *Corações humanos* e, por isso e outras tantas cousas, o seu trabalho não é muito convincente.

Trabalho natural é o de Freman Wood. Carol Holloway e o grande Albert Mac Quarrie, artistas que já tiveram seu tempo, tomam parte. Excellente photographia, lindos exteriores e bem apresentados exteriores tambem, pelo preço que a Universal offerece aos exhibidores estas producções communs...

OPERADOR Nº 4

VALOR DOS PONTOS

1 a 3 — mediocre. 4 e 5 — soffrivel. 6 a 8 — bom. 9 e 10 — muito bom. 11 e 12 — Excepcional.

Questionario

G. S. (Rio) — Por certo, será publicado. Não ha de que.

MARGOT — A nossa amiguinha vae desculpar-nos, mas não acha que se deve fallar de outro assumpto? Não fique zangadinha comnosco, sim? mil desculpas.

CELIO (S. Paulo) — Escolha outro assumpto, amigo. Quanto á segunda parte, não vae porque o amigo não sabe que a marca a que se refere não póde apparecer porque está registrada por outra e nesse nosso meio cinematographico ha tantos "encrenqueiros"!

MARY CLARENCE (Rio) — Seria interessantissimo se tivessem mais bem apanhados, mas assim não. Perdoa-nos, sim?

MARIO DA COSTA LYRA (Bananeiros) — Oh! caro amigo, menos litteratura e mais cinema! Dois delles, sahirão. Agradecidos.

MELLE ZEZÉ — Dirija-se á rua Araguaya, 1.550, Bello Horizonte. Ou por outra, espere até ao proximo numero e informaremos melhor, sim?

62 (Rio) — Palavra, camarada, que esta carta não veiu ter ás nossas mãos. Não se sabe ao certo, ainda. Nós, entretanto, pelas pesquizas feitas, chegámos á conclusão que não é. Publicaremos logo que soubermos alguma cousa e muito breve, talvez.

LITTLE PAINTER (Bello Horizonte) — Palavra que com esta sua ultima carta se foi toda a consideração que tinhamos de si e o bom juizo que faziamos. Se não fosse a lettra, não acreditariamos ser sua. Todas as suas tolas reclamações são inteiramente respondiveis. Temos pena de si...

EDW. GIBSON ADMIRER (São Paulo) — 1º — 31 annos. 2º — Helen Johnson. 3º — 37. 4º — 28. 5º — *Charles Murdock* — Elliott Dexter; *Sophy Murdock* — Sylvia Ashton; *Viola* — Marcia Manon; *Sophy* — Wanda Hawley; *Jessie* — Julia Faye; *Juliet* — Florence Vidor; Berkeley — Theodore Roberts.

TOTA (Bahia) — Dansk Astra Film. Você não conhece Olaf Fonss? Elle é o principal. Se não fôr a quem se refere, escreva e nós lhe diremos o nome. A segunda parte da sua carta, veja a resposta na secção respectiva.

JACK (Rio) — Não, é o nome do cinema onde o film é exhibido em *premiere*. Em geral, vemos em outro.

QUINTINO (Camarú) — 1º — Que especie de detalhes quer você? Já passou aqui, ha muito tempo. Luxuoso, bella photographia, artistas queridos do publico, mas o enredo nada vale. 2º — 47 annos, filho, simplesmente, não desmaie.

ROSE (Rio) — Tudo delicioso. A senhorinha faz tantas perguntas! Agora, nem no Odeon, nem no Excelsior.

CHARLIE (S. Paulo) — Casado com ZaSu Pitts.

SASSY (Rio) — Descoberto por Marshall Neilan, ha quatro ou cinco annos.

THELMA 1º — Universal City, Los Angeles, Cal. 2º — Lasky studios, Vine street, Hollywood, Cal.

* * *

CHARLES KENT, actor muito nosso conhecido atravez dos films da Vitagraph, para onde entrou em 1906 vindo do theatro, e só sahiu agora ha cousa de um anno para trabalhar em *O quadro semi nu*, da Metro, ha pouco exhibido, por signal, falleceu.

Nós apreciámos immenso sempre o seu trabalho impeccavel na Vitagraph, onde era uma popular figura, grande accionista e mesmo muito amigo da fabrica. O primeiro film em que tomou parte nesta fabrica, que foi tambem o primeiro na sua vida, chamava-se *O Prisioneiro*, tinha uma parte, era escripto e dirigido por Stuart Blackton e nós o vimos aqui no Rio. Kent, antes, foi tambem grande actor de palco. Trabalhou com estrellas e astros proeminentes como Viola Allen, Edwin Booth, Sol Smith Russell, Amelia Bingham e outros.

Foi um dos primeiros homens a entrar para o cinema e ainda ha pouco o vimos numa *pontinha* em *O aguilhão do ciume*.

Nasceu na Inglaterra em 1852 e foi para a America em 1875. Morreu na noite de terça feira, 28 de Maio, no hospital de Brooklyn, devido a uma longa e grave enfermidade que havia muito o prostrara ao leito.

☆ ☆ ☆

Theodore Kosloff foi elevado á categoria de astro de primeira grandeza da Paramount.

Para todos...

Pollah
Creme
da
American Beauty
Academy
Artigo primeiro :
FICAM ABOLIDAS AS CUTIS FEIAS. — A MAIS BELLA METADE DO GENERO HUMANO FICA ENCARREGADA DA EXECUÇÃO DO PRESENTE DECRETO
POLLAH
Se chega o momento em que V. Ex. nota as prematuras rugas ao redor dos olhos, as manchas no rosto, pelle flacida e sem brilho da juventude — cravos, vermelhidões, espinhas, cutis aspera e resequida, deve "fazer alguma cousa" para impedir o progresso dessas imperfeições e dar nova vida e belleza á cutis.
Essa "alguma cousa" é o CREME POLLAH.
Ao CREME POLLAH está destinada a missão de distribuir a felicidade e alegria ás senhoras e moças, devolvendo ao rosto a sua perfeição, o aspecto de juventude, fazendo ABSOLUTAMENTE desapparecer as RUGAS, ESPINHAS, CRAVOS, MANCHAS; dando DIARIAMENTE á pelle a "suavidade e o colorido" da primeira juventude. POLLAH, o maravilhoso CREME DA AMERICAN BEAUTY ACADEMY, representa a ultima palavra da sciencia dermatologica e nada o iguala para embellezar, conservar, e curar as imperfeições da cutis. Como CREME DE TOILETTE deve ser usado o POLLAH diariamente para dar a "côr clara, suave, parelha e adherir o pó de arroz", protegendo ao mesmo tempo contra o vento, sol, poeira e calor.
Haverá por acaso algo que proporcione a uma senhora maior prazer que a certeza de sentir-se admirada?
POLLAH proporcionará essa certeza!
Essa é a admiravel missão do POLLAH.
Para maior efficacia do emprego do CREME POLLAH, enviamos, gratuitamente, a quem nos enviar o endereço, o livrinho A ARTE DA BELLEZA; nelle se encontram todos os conselhos para hygiene e embellezamento da cutis e cabellos.
— Córte este "coupon" e remetta aos Srs. Repres. da AMERICAN BEAUTY ACADEMY — Rua 1.º de Março, 151, sobrado — Rio de Janeiro.
NOME.. .. ..
RUA.. .. ..
CIDADE.. .. .. ESTADO.. .. ..
SUAVE COMO UMA CARICIA — CUTIS BRANCA — UNIDA — COR DE SAUDE
A GRAÇA E A SEDUCÇÃO PODEM SER OBTIDAS E A VELHICE RETARDADA.
A B A

Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1923

FRIVOLIDADES...

Chá no Gloria. — *Que encanto a sociedade !*
Tudo no Rio cheira a novidade...

Olhe aquella menina... — Que vestido !
E o corpo della como está despido !

Vê-se tudo lá dentro... Vê-se tudo...
Vae ao banho de mar, se não me illudo.

"*Quando Buddha sorri*". — *Você não dança ?*
— *Tenho o meu par constante. E' aquella creança.*

— *Qual ? Aquella ? Mas isto é desafôro...*
Barba Azul, guarde ao menos o decôro.

— *Olhe o Armandinho. — Que delicadeza...*
Zé Leão — Primeiro Premio de Belleza.

Como caminha leve e como fala !
Sua voz de soprano encanta a sala.

As suas mãos de unhas de rosa... — E' grego.
— *Veja como elle fica quando eu chego.*

Treme todo, diz coisas exquisitas...
— *A Iracema é talvez das mais bonitas.*

Como está magra a linda flor de luxo...
— *Banhos de mar ? — Amor por um gaúcho.*

Elle partiu. Ella ficou partida
De saudade por elle... — E' assim a Vida...

"*Virginia Blue*". — *Vamos dançar, Olguinha ?*
— *Você já reparou no Fontainha ?*

— *Que* flirt... *Ella é tão feia... Elle é sympathico...*
— *S'tás capengando, filho ? — E' o pneumatico.*

Esvasiou-se esta tarde sem que eu visse...
— *Aquelle é que o marido da Clarisse ?*

Aquelle ? Ah ! ! ! Continúa a grande fita
La Nave, *de D'Annunzio... — O' Rosalita,*

Como está chic, *de sorriso á banda...*
E' o figurino que Paquin *nos manda*

O mais lindo, um costume cor de rato...
— *Você não foi á estréa da Melato ?*

— *Por que ? Que grande artista e que discreta...*
Realisou todo o amor do grande poeta.

— *E que tal a platéa ? — Um pouco fria...*
Com o ar vago de quem não comprehendia

A belleza daquelle immenso poema.
Lá estavam a Moema e a Graciema

Perto de mim. Tive o prazer de vel-as
Como um poeta christão olha as estrellas.

— *Então, tu é que estás* tutto *melato...*
— *Melato não,* babato... — *O teu retrato*

Sahiu ha dias num carnet *mundano...*
Viste ? Um perfeito typo peruano

Morocha de ojos languidos en sueños.
Ojos grandes demás y piés pequeños...

— *Muchas gracias por tanto galanteio...*
— *Quanta gente ! o salão s'tá quasi cheio !*

— *Eu preciso sahir. Vamos ? — Espera*
Deixa eu dançar mais uma vez com a Vera...

....

E o chá do Gloria *continúa louco...*
O prazer de um minuto vale pouco

Porque se acaba e passa de galope
Num perfume... num beijo... num *num* fox-trot...

JOÃO DA AVENIDA.

O GRANDE CASO DA ESTAÇÃO THEATRAL DESTE ANNO

Maud Noele

ARTISTAS DA COMPANHIA DO "BA-TA-CLAN", CUJA ESTRÉA JA' SE ANNUNCIA

Mademoiselle Louvain

Jane Aubert

Suzanne Mainville

Mlle Marty

Nos primeiros dias de Agosto, o elenco artistico do Ba-Ta-Clan *estreará no Theatro Lyrico, sob a direcção de Mme Rasimi, que proporcionará ao nosso publico o famoso* refrain *de Paris:*

"Toujours au turbin
Du soir au matin
Moi j'en ai marre
Vivre nuit et jour
Sans un mot d'amour".

Diamant, a estrella da elegancia franceza; Mistinguett, a figura primordial feminina das frivolidades da capital do mundo e Parisys, a doida dos fumoirs, *transformarão o Rio em um* boulevard *allucinado, cheio de graça e de fina verve puramente parisiense.*

A cidade de Buenos Aires, que teve a primasia dos espectaculos do Ba-Ta-Clan, *continúa sob o dominio das avoantes da França. Os periodicos repletos de noticias elogiosas já estão saudosos pela proxima partida para o Rio das travessas contractadas de Mme Rasimi, que o nosso emprezario José Loureiro vae transportar para a capital da Republica.*

Saudosos dias foram os das noitadas de 1922 !

Depois de muitos gritos e de muita gritaria, partiram as gaulezas *para*

a sua Paris carregadas de flores e de saudades dos cariocas.

O conjuncto artistico fará a sua estréa no dia dois de Agosto, com J'en ai marre, *creação de Mistinguett, o maior successo da temporada do* Ba-Ta-Clan *em Paris e Buenos Aires.*

La Java, *com composição musical de Maurice Ivain, cantada e bailada por todo o elenco, tem como principal* refrain *os motivos das danças modernas, que dominaram os salões e os* music-halls *da Europa. As palavras mais evocativas de* La Java *são as seguintes:*

"....................
La vieill' mazurka
Du vieux Sébasto,
J'suis ta Ménesse,
Je suis ta gonzesse,
Tu es mon Julot !

Germaine Lambel

Andrée Vyx

....
Je te suivrai,
Je ferai
Ce que tu voudras !
...................."

Com a chegada do Ba-Ta-Clan, *os cariocas terão o seguinte lemma:* "*Tous les* Cariocas *reprir'nt en choeur !*"

A nota mais palpitante das proximas noitadas será proporcionada pelas bailadeiras norte-americanas, que surgem sobre a platéa, evoluindo doidamente entre as poltronas, frizas e camarotes.

A ribalta é lançada no eixo principal do Theatro Lyrico, formando com o palco um grande T, *que tem o seu vertice na porta central do salão.*

Nas gambiarras, dispostas ao longo das balaustradas, figuras vivas estão enjauladas, no meio das luzes, proporcionando quadros bellissimos, capazes de injectarem o sopro da vida nos frades de pedra da nossa Metropole.

Os scenarios, armados em rotundas, dão maior illusão ás passagens emotivas das varias scenas,nascidas durante as representações.

Em todas as situações dos espectaculos, Mistinguett; Diamant, Parysis e as vedettas *do elenco desfilarão debaixo dos luxuosos vestidos da rainha da moda de Paris, ferindo os olhos dos assistentes com as linhas dos corpos nus.*

Os perfumes raros, os pós impalpaveis e as tintas multicores das alterações para a gloria da plastica, serão apresentadas pelas filhas da França, internacionalisadas, nos galanteios dos motivos musicaes e dos bailados seductores das massas corporaes, confundidas em uma só alma, em uma só nota de musica, em um só respirar dos pulmões fatigados pelo mesmo ideal, pelo mesmo prazer.

Viola Diva

Mademoiselle Armandy

Hélene Gransby

Fernande Diamant

Mlle Ferretti

Ivette Caso

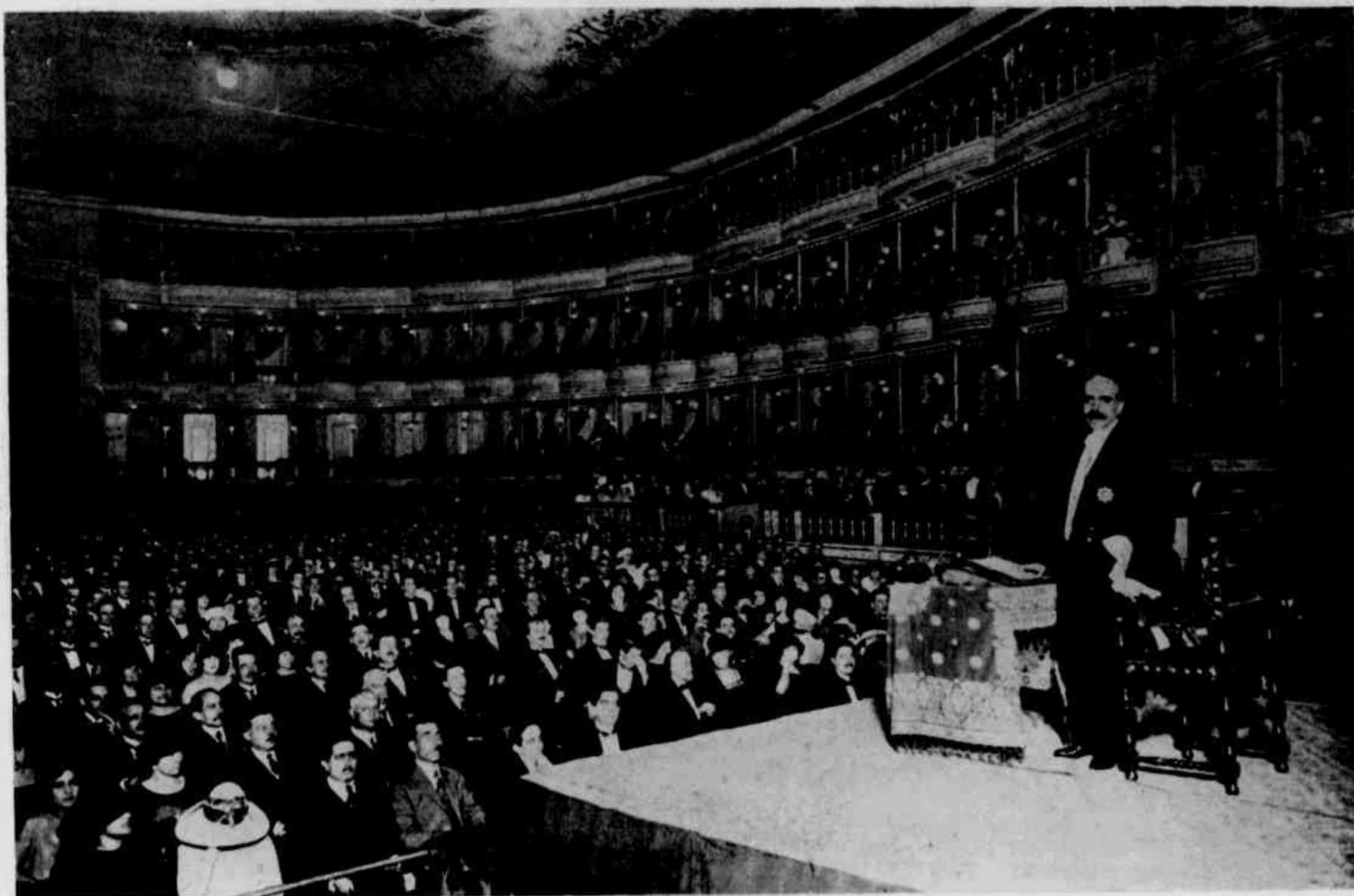
Mlle Mirka

Gaby Reynu

As frivolidades da vida não valem um momento de prazer !

Os momentos evocativos e felizes, proporcionados pelas estrellas primordiaes do bello, são indomaveis e perennes, as suas leis são as da humanidade, as que seguem o sentimentalismo do prazer e o idealismo do impossivel. Com os seus refrains e com os seus ditos brejeiros, as mulheres do palco levam os corações a regiões ignotas, que ficam tão longe dos olhos e tão perto dos corações !

No Theatro Opera, da cidade de Buenos Aires, o conjuncto artistico de Mme Rasimi tem obtido o maior successo, a que a capital argentina tem assistido.

O Rio começa a passar pelos tremores da proxima arribada de arte das filhas de Paris.

No Theatro Lyrico, quando o Sr. Julio Dantas realisou a sua primeira conferencia

JULIO DANTAS NO RIO DE JANEIRO

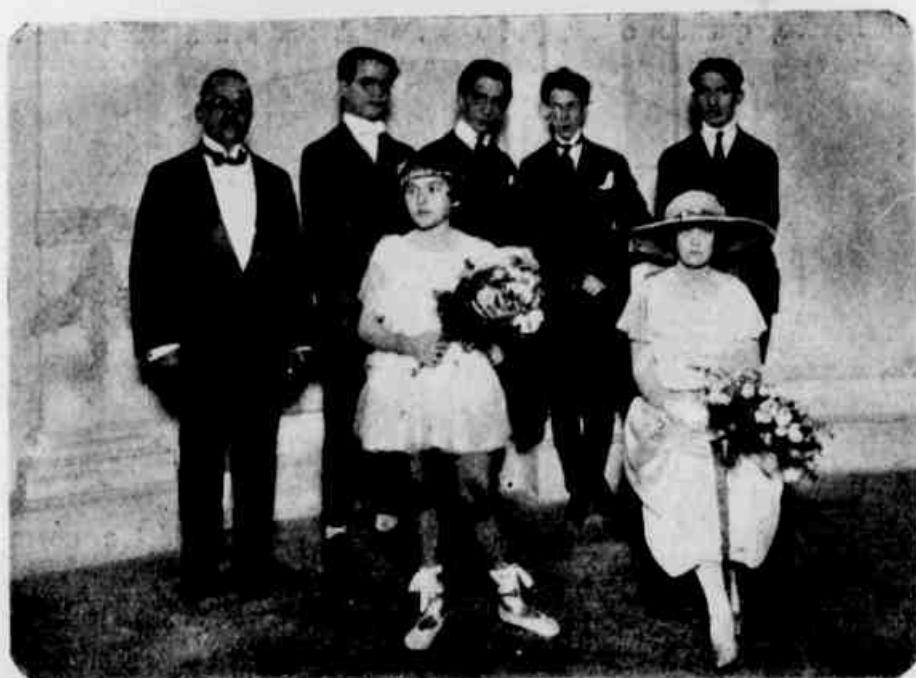
HOMENAGENS AO GRANDE ESCRIPTOR

Senhorinha Margarida Lopes de Almeida e Sr. Julio Dantas, na noite do recital que a nossa insigne "diseuse" organisou em homenagem ao autor da "Ceia dos Cardeaes".

O Sr. Julio Dantas em visita á Escola Normal do Districto Federal.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

Com o concurso das pianistas Senhorinha Hagdéa Hor-Meyll e Senhora Araujo Jorge, a jovem bailarina Jucyra Victoria realisou, no dia 29 de Junho, no Palacio das Festas, da Exposição, um recital de dansas classicas, que obteve o mais completo exito.

A menina Jucyra Victoria

RECITAL DE JUCYRA VICTORIA DANSAS CLASSICAS

A Exposição, agora transformada em grande feira livre, fechou officialmente segunda-feira. As ultimas festas alli realisadas attrahiram um grande publico e os pavilhões nacionaes e extrangeiros tiveram na semana derradeira uma frequencia extraordinaria.

Instantaneos em que se vê a encantadora artista acompanhada das pianistas que a coadjuvaram e de poetas da nova geração

Comedias e Comediantes

PARA FAZER RIR — *O brilhante quotidiano theatral de Paris, "Comoedia", não faz muito tempo, fez uma curiosa "enquête" para tornar conhecidos os processos dos autores e actores para provocar o riso. A scintillante fantasista de "music-hall", Mistinguett, respondeu com espirito e engenhosidade: — "Como provoco o riso? Ora ahi temos uma interessante charada. Ahi vae. Posso dizer-lhe uma coisa profundamente verdadeira, não sei fazer rir, senão quando eu propria me divirto e me sinto presa pelo comico da situação. Se, pessoalmente, não tenho a impressão do comico, posso applicar-me como quizer, que nada conseguirei, o publico ficará frio porque terá a percepção do artificio e não da espontaneidade. Mais ainda, não é com caretas ou effeitos de caracterisação que se é comico. O que faz rir é a intonação, porque a intonação é o reflexo do sentimento ou do pensamento. Não ha necessidade alguma de se tornar ridiculo, de se escangalhar o rosto para fazer rir; para uma mulher é uma observação importante. Inutil tornar-se feia; a sinceridade do sentimento e a verdade da intonação resumem todo o segredo.*

....

Em Paris, o que faz rir, não é o palhaço, mas o verdadeiro comediante que sabe compor uma silhueta e restringir-se ao natural. O que faz rir, não é o fescennino, nem a brejeirice voluntaria repisada; o riso que se obtem por esses meios reprovaveis tem sempre um não sei quê de amargo e de constrangedor. E' um riso espesso, doentio, nunca uma expressão de alegria. E o riso que não é jovial, é o cumulo da tristeza.

O comico não se dá, não se transmitte. E'-se comico porque se nasceu com esse dom. Não se aprende, se não se possue o que se chama "une nature". O comico estudado denunciará o esforço e gelará o riso. Nunca tive mestres. Não tenho discipulos. Mas imitam-me a miude. Bem ou mal? Não sou eu que o devo dizer: ninguem se vê a si proprio. Aquellas que me imitam, não farão nada de verdadeiramente bom, senão no dia em que tiverem deixado de me imitar, para só se assimilharem a si proprias.

Adoro o "music-hall", onde, a miude, me fizeram fazer coisas interessantes e onde sempre busco "o novo".

....

Entretanto, acho o "music-hall" mais apaixonante ainda e mais difficil tambem... No theatro, o texto ampara-nos e temos uma noite inteira para nos defendermos. No "music-hall", é preciso empolgar o publico e impor-lhe a nossa vontade em poucos minutos...

....

O que me diverte como espectadora? Vou fazer-lhe uma confissão. Não vou nunca ao theatro para me divertir. Sou, talvez, comica na scena, mas na vida real não tenho nada de alegre. Não gosto, no theatro, senão das peças dolorosas, dramaticas, das historias tristes."

As ultimas linhas são a auto-biographia dessa artista de talento multiplo que, dentro de poucos dias, se fará applaudir no Rio, com tanto calor e enthusiasmo como nos faustosos "music-halls" da estonteante Babylonia moderna.

Mistinguett com uma das suas "mascottes"

PARA FECHAR A PORTA — *Um autor dramatico contrahiu matrimonio com uma viuva.*

Na noite das bodas, um de seus amigos, acreditando que a noiva era donzella, approximou-se do noivo e, batendo-lhe amigavelmente no hombro, disse-lhe maliciosamente:

— Tens esta noite uma encantadora "premiere".

— Enganas-te, meu velho; não passa de "reprise".

◇

COMPANHIA ABIGAIL MAIA

A festa offerecida por Oduvaldo Vianna, em Santos, aos jornalistas do Rio e de São Paulo teve um encanto inesquecivel. Nós, que não podemos retribuir a gentileza do convite daquelle querido collega, agora nos contentamos com as noticias trazidas pelos que foram e voltaram com saudades. Resta-nos o prazer de almejar á Companhia Abigail Maia, já de rumo para o Rio Grande do Sul, a mesma felicidade tida na velha terra dos Bandeirantes.

◇

UMA NOTICIA QUE E' UM "FURO"

O poeta Olegario Marianno está escrevendo uma comedia, em versos lindos, sobre a vida de Petrarca. Esse trabalho do nosso bem amado companheiro terá a sua primeira representação, em São Paulo, por uma nova companhia que se está organisando.

◇

MEMORIAS DE MANUELA PINTO

A actriz Manuela Pinto, uma das "Bonecas da Avenida", da revista de Fritz e Frotz: "Olha á direita", que faz tambem, com envolvente seducção, a "Gigolette", e que pertence, incontestavelmente, ao grupo amavel das "estrellas" nacionaes, está concluindo as suas "Memorias". O livro sahirá até meiados do mez proximo e é sendo anciosamente esperado. A Senhora Celeste Reis, do São José, disse-nos, que se soubesse escrever, tambem contaria, num romance, coisas da vida que tem vivido, coisas muito interessantes.

Antes do almoço offerecido, no Jockey Club, ao Sr. Dr. Washington Luis, pelas bancadas de São Paulo no Senado e na Camara.

"PALAVRAS OCAS"

Fabio de Barros é um nome bem conhecido e bem admirado da élite literaria do Rio de Janeiro. A sua passagem pela nossa imprensa ficou inesquecivel. As chronicas publicadas na edição da tarde do "Jornal do Commercio", as criticas de verdade sobre a estação lyrica e theatral, os bellos trabalhos que a "Illustração Brasileira" teve o prazer de divulgar, tudo era tão intelligente, tão moderno, tão pessoal, que, desde logo, trouxe a esse escriptor o elogio dos leitores que sabem ler e até, caso não muito commum, dos collegas do mesmo officio. Agora, do Rio Grande do Sul, aonde foi para dirigir um diario de Porto Alegre, Fabio de Barros nos envia um livro de grande autor: "Palavras ocas". Desde a "Pagina que explica o livro", a seducção do lindo espirito começa; e, quando se chega ao fim do estudo maravilhoso sobre "As duas Phedras" com que elle termina "Palavras ocas", o tempo passou sem outra preoccupação, e só se sentiu a vida no seu boccado de eternidade. A leve ironia e o desdem silencioso de Fabio de Barros mais lhe illuminam a admiração deante da belleza, admiração tornada em espanto sempre que os aspectos ruins do mundo lhe despertam algum commentario sem indulgencia. Ha os escriptores nacionaes e os outros. Preferimos estes. Fabio de Barros é um delles.

O illustre Presidente de São Paulo em casa do Sr. Senador Antonio Azeredo.

No Club Militar, durante a recepção em honra do novo Presidente Sr. General Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra.

A VIDA

— Quem ês tu ? — Por que queres saber, senhor ? Ah ! a historia da minha vida... — Sim, conta-me a historia da tua vida. (E aquella miseravel creatura tinha angustias na voz nervosa.) — Fui feliz... Chamavam-me Ambô, a flor da Felicidade... e eu via passarem-se Outomnos e Primaveras felizes... mas por que queres saber a historia da minha desgraça ? Não vês a miseria estampada em meus olhos ? Não tentes saber o que fui... a vida que vivi... (E aquella mulher era a estatua da dor... gargalhava doidamente.) — Sou hoje, não mais Ambô, a flor da Felicidade, mas chamam-me a Serpente de Volupia... sou feliz... Vê, sou feliz... eu rio... (E no seu bebedo gargalhar havia um grande accento de dor... e seus olhos, seus grandes olhos negros fitavam-me insistentemente.) — Eu amei... Eu amei... eu fui feliz... (E aquella mulher era então a estatua da Vida... a Vida dos felizes e dos desgraçados... Não fôra ella ditosa ?) — Adeus, nunca mais te verei, não mais me verás... Sê feliz, não mais penses em mim... (E ella vestida de negro desappareceu na onda de gente que invadia a Avenida...)

A Vida... Que é a Vida ?...

ABELARDO MORELOS

TEUS OLHOS VERDES...

A Moacyr Andrade

Os teus olhos são verdes, encantadoramente verdes como a paizagem da minha aldeia: — um punhado de casas espalhado nas clareiras de uma grande floresta...

Teus lindos olhos verdes, Alzira, são como dois lagos cercados e cobertos de arvores e de ramos, em cujas aguas quietas e crystalinas se espelhasse todo o verde que ha nas folhagens...

Teus olhos são tão verdes, querida, que parecem duas turmalinas molhadas, humidas... movidas com o velludo branco e humido de um mostruario original e bello...

Os teus olhos verdes, Alzira, emfim, são para mim duas esperanças, symbolos luminosos, como duas verdes e brilhantes estrellas, a arderem longe, a arderem longe... muito longe de mim...

LEVY BRAGA

LAGRIMAS...

II

Eu disse-lhe por fim mais ou menos isto :

— "Verá como tudo desapparece, garanto-lhe...

A menina assusta-se facilmente, vê males por toda parte. Sua natureza vencerá, a mocidade por si só já é um triumpho. Faça o que lhe disse e sua doença será vencida. Acredite..."

A sua cabeça de martyr, a sua face subtilmente rosada nas maçãs, o seu olhar meigo com suavidades de crepusculo, ella toda tinha esplendores de santa.

Suas mãos juntavam-se como que para orar, dedos entrelaçados; mas unidas cahiram, e assim ficaram quasi que á altura dos joelhos. Seus olhos grandes e azues perderam-se no céo.

Ficou assim em extase...

Eu olhava-a ! Depois peguei-lhe nas mãos. Estavam ardendo em febre.

Ella deixou adivinhar apenas um sorriso.

E vi pelo seu rosto timida e só deslisar a belleza dolorosa de uma lagrima...

Não sei se foi essa a que me cahiu ainda morna sobre a mão !...

HERNANI DE IRAJÁ

O segredo da vida é não dar abrigo a nenhuma emoção mesquinha. — OSCAR WILDE.

O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA BAHIANA

A "Illustração Brasileira" vae dedicar ao "2 de Julho", data da Independencia Bahiana, um numero especial, que será certamente uma das melhores commemorações do magno acontecimento. A collaboração d'esse numero foi confiada aos mais altos expoentes da intelligencia bahiana, nos varios ramos da actividade que caracterisa a nobre terra de Ruy Barbosa. A abundancia e excellencia das illustrações concorrerão para fazer deste numero um magnifico album de historia da Bahia, e do actual desenvolvimento d'essa importante unidade da Federação.

No amor-affeição, — paixão que sabe dominar-se — o amante tem o sentimento de que, por maior que seja o seu desejo, certamente o sacrificará ao repouso d'aquella que ama. — FAGUET.

O que é invejavel, não são os factos do passado, mas o tecido espiritual com que a recordação dos dias que se escoaram, vem cobrir a alma elevada. Este tecido, quer tenha sido formado na dor ou na alegria, extrahido da abundancia ou da miseria dos acontecimentos, póde ser egualmente precioso; e não saberiamos dizer, vendo-o resplandecer sobre a vida que o leva, se as estrellas e as pedrarias que o animam foram achadas numa cabana, ou num palacio. — MAETERLINCK.

Evitar os argumentos de qualquer especie. São sempre vulgares, e chegam, ás vezes, a convencer. — OSCAR WILDE.

ANTES DA FESTA

— Mas que é isso, Finoca ? Vaes assim tão despida ? Tu não disseste que será uma cerimonia muito tocante ?
— E é verdade. Trata-se de um concerto.

FABULA

Havia outr'ora, numa cidade antiga, um homem que era o idolo da cidade. E cuja só presença era considerada como um meio de aperfeiçoamento da personalidade e uma prova evidente de que tudo o que é bom deve existir.

Assim, esse homem, louvado e admirado, pelas suas maneiras distinctas, finas, e pela sua notavel elegancia que parecia só ter podido chegar a uma tal perfeição pela longa e construidora acção do tempo a serviço de uma pouco commum predisposição para as boas maneiras, — se constituira o idolo da cidade que habitava. Porque elle era realmente um perfeito cavalheiro. Ninguem melhor que elle admirava o bello e delle sabia utilisar-se melhor. Sua elegancia e gentileza eram qualquer cousa de surprehendente e maravilhoso.

De tal fórma, que os outros homens, mais ou menos finos, da cidade, se com elle tratavam, era sempre receiosos que o faziam e sob o temor de que elle lhes estivesse reprovando, no intimo, a attitude. Temiam que os criticasse no intimo, pois bem sabiam elles que dos labios aristocraticos do homem que era o idolo da cidade pela sua natural elegancia e finura, jámais ouviriam qualquer advertencia ou qualquer commentario desairoso.

Porque elle, além de arbitro da elegancia e de principe das attitudes de gestos e de espirito, e por isso mesmo de certo, era de uma tão excessiva polidez, que nunca tivera um gesto duro, nunca proferira uma palavra má, nem dera nunca a perceber a ninguem a sua contrariedade ou o seu desagrado. E por tudo isso era elle o idolo da cidade.

Di Cavalcanti, o extranho pintor, cujos trabalhos, expostos no saguão do Lyceu de Artes e Officios, tanto encantaram os amorosos da arte moderna.

Os poetas Evagrio Rodrigues, Paulo Torres e Romeu de Avellar, no Parque Municipal de Bello Horizonte.

E todo o povo que nella habitava era unanime em reconhecer no seu idolo a maior elegancia e a maior sensibilidade, amando-o, louvando-o e copiando-o por isso. Sem, comtudo, ousar uma approximação intima com o seu idolo. Pois bem sabiam todos que os idolos, que nascem apenas para ser adorados, devem andar sós.

Ora, um dia um homem rude e por isso mais ousado que todos os homens finos d'aquella cidade, approximou-se do idolo fazendo-se seu intimo para, observando-o de perto, corrigir, pelo exemplo, as proprias maneiras e tornar-se assim menos agreste.

Mas eis que, entre admirado e satisfeito, percebeu que o homem que era considerado pelos seus contemporaneos como um exemplo maravilhoso de conducta, como elle tambem comia mal á mesa, com muito ruido e muita soffreguidão.

E, satisfeito comsigo mesmo pelo que descobrira, correu, de casa em casa, toda a cidade, a apregoar o que vira. E todo o povo da cidade, que lhe dera ouvidos, sahindo de casa em casa para as ruas, poz-se a caminhar, cheio de indignação e de odio, para o palacio do homem que os enganára durante tanto tempo. E chegados ahi, chamaram em altos gritos pelo seu idolo. E quando este, do alto da escadaria de marmore do seu palacio, lhes appareceu, atiraram-lhe pedras e insultos, e o mataram ás pedradas.

— Tu és grosseiro como nós e nos enganaste! E por isso deves morrer! — assim gritavam, matando-o...

Tambem, por que fôra elle tão gentil e docil para com o homem rustico, a ponto de se fingir tão rustico quanto elle? — ON.

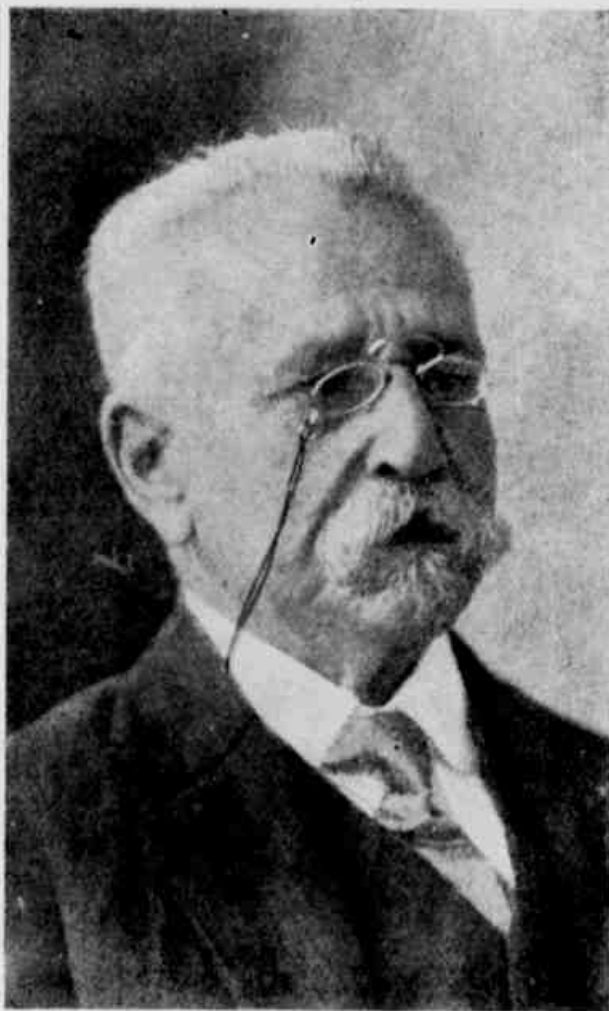
"Para todos..." em São Paulo. "Pic-nic" no Parque São Jorge

Terra Carioca

UM PHILOSOPHO

A' primeira vista parecerá absurdo trazer para estas columnas a figura de um philosopho. Com a leitura verá o leitor a coherencia de semelhante proceder. Trata-se de um philosopho que amou a cidade, esta bemdita terra carioca, de sol sempre lindo, onde as folhas das arvores só cahem quando o illustre Director da Inspectoria de Mattas assim o ordena... Foi precisamente olhando para a "quéda das folhas", em uma das nossas avenidas, que nos veiu á lembrança a figura bonachona do philosopho, e um desejo de avivar a memoria dos que o conheceram e amaram e tornal-o familiar aos que nunca o viram, apezar de constantemente a sua sympathica figura atravessar as ruas da cidade amorosamente, de mãos cruzadas, atraz, nas costas, e a bella cabeça inclinada numa meditação permanente. A barba curta, o bigode farto, brancos e revoltos os cabellos. Era o retrato de Victor Hugo. Quem o via, muito cedo, a olhar as coisas, sempre vestido com simplicidade, estava longe de se julgar deante de um sabio, de um grande do regimen passado, de um vigoroso jornalista, que sabia, com rara percepção, esmiuçar acontecimentos quotidianos, enfrentar assumptos politicos ou retratar com a sua penna encantada os aspectos mais diversos de esthetica; tudo passava ante a sua retina como deante de um kaleidoscopio gigantesco passam as scenas rapidas de magia ou realidade...

Francisco Luiz da Gama Rosa era o seu nome. O seu vulto desappareceu e jaz esquecido para muitos, apezar de ter sido dos mais representativos das letras no seu tempo. Alma boa, olhou sempre com optimismo para os complexos problemas sociaes; dos seus labios não sahiu nunca uma palavra sequer de amargura, de queixa contra a situação de abandono em que vivia. Tudo supportou com um estoicismo admiravel e digno. Com a proclamação da Republica sentiu apagar-se a sua estrella, mas continuou feliz; tinha a sua familia, os seus livros e os seus discipulos que o amavam verdadeiramente. Pedro II tributava verdadeiro affecto ao seu espirito; Spencer e Max Nordau sabiam-lhe o valor, não regatearam nunca adjectivos á sua obra de sociologo illustre, mantendo com elle assidua correspondencia. Max Nordau patenteou a sua admiração traduzindo para o francez, inglez e allemão a these de doutoramento, mais tarde ampliada sob o titulo de "Biologia e sociologia do casamento". Como homem de sciencia, Gama Rosa foi notavel. Como jornalista, soube empregar o seu talento de uma fórma inconfundivel. Na "Gazeta da Tarde", de Patrocinio, collaborou com rara assiduidade, escrevendo sobre sociologia, critica, historia e literatura, trabalhos que repercutiram no estrangeiro, realçando assim o bom nome do Brasil. No "Jornal do Commercio", publicou uma serie de estudos sobre "Saneamento da cidade do Rio de Janeiro" e "Applicações do gelo, sob o ponto de vista hygienico"; taes estudos mereceram dos mestres, de então, os mais calorosos encomios. Vejamos o homem politico.

Em 1881, o conselheiro Lafayette presidia o gabinete; percebendo no joven Gama Rosa (contava elle 29 annos) qualidades dignas de apreço, nomeou-o presidente da provincia de Santa Catharina, onde durante o espaço de quatro annos governou com saber e grande tino administrativo. Deixando o governo da provincia, foi nomeado, pelo

Francisco Luiz da Gama Rosa em 1912

gabinete Dantas, para o cargo de Director da Imprensa Nacional, exercendo com proficiencia a funcção que lhe fôra confiada.

Em 1889, quando o partido liberal subiu com o Visconde de Ouro Preto, Gama Rosa era um dos principaes redactores da "Tribuna Liberal"; os bons serviços prestados á causa do partido valeram-lhe a nomeação de presidente da Parahyba do Norte. Muito pouco tempo durou o seu orientado governo, pois a proclamação da Republica veiu entravar a sua administração. (Nessa epoca devia ser nomeado Conselheiro de Estado de S. M. o Imperador). Abandonou a vida publica como politico, recusando mesmo o convite feito pelo Dr. Carlos de Laet para continuar como redactor da "Tribuna Liberal", jornal que manteve sempre o credo monarchico.

A influencia de Gama Rosa na literatura do Estado de Santa Catharina foi consideravel, notadamente nos elementos chefiados por Cruz e Souza — o poeta negro —, outros escriptores de renome soffreram a mesma influencia; entre elles está Virgilio Varzea, seu discipulo predilecto. No actual regimen recusou sempre immiscuir-se na politica: Floriano Peixoto convidou-o para Ministro de Estado; Prudente de Moraes, repetidas vezes o convidou para cargos administrativos, favores que recusou systematicamente, apezar das dificuldades financeiras em que vivia. Em 1910 voltou á actividade politica, defendendo a candidatura Hermes com verdadeiro devotamento pelas columnas da "Folha do Dia", ultimo jornal em que collaborou; em 1911 foi nomeado Secretario da Escola de Bellas Artes, cargo em que a morte o encontrou. A sua collaboração na "Folha do Dia" foi notavel, formidavel mesmo. Durante 6 annos consecutivos mandou o seu "commentario" para o jornal, não deixando um dia de escrever; alta madrugada ia seu filho Affonso levar o artigo, quando não ia elle proprio! Dessa preciosa collaboração está publicado um volume sob o titulo de "Sociologia e Esthetica", deixando ainda cinco volumes, merecedores da mais ampla divulgação. Da sua grande bondade contam-se casos, verdadeiras anecdotas para os que não conheceram de perto o bondoso velho. Entre muitos existe um que é typico: Tinha Gama Rosa um prediosinho na rua do Mattoso, alugado a um pobre chefe de familia, sempre pontual emquanto poude trabalhar no emprego que tinha; porém, um dia, a sorte mudou rumo e o coitado viu-se na contingencia de não poder pagar os alugueis. Passaram-se os mezes sem que taes compromissos fossem satisfeitos. Cansado de esperar, foi Gama Rosa em pessoa saber a razão de semelhante proceder; chegando á casa do seu inquilino teve a mais dolorosa surpresa: viu a miseria reinante e as lagrimas dos infelizes. Em vez de cobrar, amenisou a dor, dando conselhos, e, alvitrando meios para o infeliz chefe de familia conseguir recursos para comer, prometteu interessar-se pela sua sorte. Deante das razões apresentadas, tomou uma deliberação, pediu um pedaço de papel e tinta: satisfeito no seu desejo, com o proprio punho escreveu um annuncio de "aluga-se" que entregou ao pobre infeliz dizendo: "Meu amigo, ponha este papel lá fóra, na porta da rua, alugue a sala da frente e com o dinheiro do aluguel dê de comer aos seus. Adeus, não me deve nada, quando puder pagar alguma coisa, appareça". Sahiu o bom e velho philosopho, sem pensar que havia tirado dos seus proprios filhos o auxilio para o pão de cada dia, foi rua afóra com o seu passo cadenciado, guarda-chuva arrastando pela calçado, contemplando as arvores, esquecido já do grande bem praticado!

ERCOLE CREMONA.

PEQUENOS POEMAS

TUA LEMBRANÇA...

Tua lembrança
E' para mim o esquecimento
Da vida má; é a meta em que descança
Meu pobre pensamento.

Tua lembrança
E' a alegria de um bem ambicionado;
E' uma saudade doce como um beijo
Que não foi dado.

Quando te vejo,
Sinto que a vida passa mais depressa
E que cada minuto
E' uma voz que não cêssa
De gritar loucamente,
Indefinitamente,
Por teu amor mysterioso.
Como o tempo é mesquinho e diminuto
Para conter esta lembrança
Desse teu vulto amado e flexuoso!

Meu pensamento, que te alcança,
Leva dentro de si a pulsação
Do meu ardente coração.

Tua lembrança é o encantamento
Das horas tristes, dolorosas.
E' uma volupia, um sentimento
Igual a um desfolhar de rosas...

Fico a pensar que sou um velho chim
E que a tua lembrança é um opio de Pekim...

JAYME D'ALTAVILLA

* * *

TRANSFIGURAÇÃO

(A UMA ALMA)

Através de remotos avatares,
num milagre feliz da Natureza,
tu vieste dos idyllios singulares
da Harmonia, do Sonho e da Belleza.

Transfigurada, por te humanizares,
ainda no olhar, como uma lua accesa,
conservas a nostalgica tristeza
da amplidão de outros céos e de outros ares.

Numa vertigem de deslumbramento,
és a viva expressão de um pensamento...
a imagem fulgural de um sonho vão...

de um morto ideal que, sem querer, a Vida
houvesse transmudado, surprehendida,
num instante immortal de Perfeição.

ABGAR RENAULT

UM PASSA-TEMPO

— Sabes, Maricota, a D. Polixena já desmanchou oito casamentos.
— E ella, porventura, já teve oito pretendentes?
— Não. Os casamentos que ella desmancha são os dos outros.

No Pavilhão Americano, sabbado passado, durante o grande baile offerecido aos Congressistas Brasileiros pelo Coronel Collier

ERA UMA VEZ...

Queres ouvir uma historia muito antiga? Pois bem, vou te contar:

Era uma vez uma praia tão extensa quanto deserta, de areias claras e ardentes, que recebia dadivas de beijos e conchas, que as ondas glaucas do mar lhe levavam. Poder-se-ia chamar a "Praia Desconhecida". E havia uma grande felicidade nessa praia deserta. De raro em raro passavam embarcações pela longinqua linha do horizonte. Um dia houve um naufragio, não sei onde, muito longe, e em um fragil lenho conseguiram chegar á praia, um homem e uma mulher. Como eram exactamente eguaes os olhos della ás vagas! E como eram fulvos os seus cabellos! Seu talhe se assemelhava ao coqueiro que ornava a praia, e sua pelle era da cor da areia da extensa esteira branca, eternamente acariciada pelas preguiçosas vagas; seus requebros airosos lembravam o quebrar das ondas e a sua voz tinha alguma coisa dos passaros que em revoada, alegremente, cantavam nos coqueiraes. E reunindo todos os encantos era ella Mulher!

Estiveram longos mezes nessa praia maravilhosa; elles se amavam, bem o sabiam as ondas, que os viam sobre os rochedos, abraçados, dizendo mutuamente palavras ternas! E elles, como as aves, tinham o seu ninho... como elles eram ingratos! Içaram um mastro nos rochedos, a chamar os navios que passavam... como eram ingratos... esqueciam que as ondas que ali os trouxeram, tinham aprendido a amal-os, tambem... por que não ficavam ali? E um dia, vieram buscal-os, que saudade haviam de ter dali... elles iam para o bulicio do mundo, não poderiam ser felizes lá, as ondas bem o sabiam... mas foram embora... nunca mais... nunca mais...

E foi assim a historia daquelles que nunca mais voltaram... — ABELARDO MORELOS.

Domingo, na Exposição, depois do almoço, em homenagem ao Coronel David Charles Collier, Commissario Geral dos Estados Unidos da America no grande certamen.

◇

A EXPOSIÇÃO DO PINTOR DE COIMBRA

Fausto Gonçalves inaugura hoje a sua mostra de arte.

Fausto Gonçalves é o pintor da belleza de Coimbra, daquella belleza ora tisnada de um sol muito alegre, ora de uma tristeza mystica... O artista nos traz aspectos novos, novos typos. Nas suas telas vêm o casario estonteante de Coimbra, os seus segredos, a sua vida... Do recanto pittoresco nos chega uma chronica singela que nos conta do pintor: "Camões, João de Deus, Antonio Nobre foram os mestres do seu lyrismo. Todos elles são filhos da mesma grei. Se os primeiros traduziram em rhythmo a belleza e o mysterio do Mondego e da paizagem, Fausto Gonçalves traduzia-os em cor e harmonia."

Algumas horas mais, e o pintor terá, no Gabinete Portuguez de Leitura, o testemunho carinhoso de quantos amam a verdadeira belleza.

◇

"PARA TODOS..." NA ESCOLA NORMAL

Perfilando hoje a Senhorinha M. L. L. B., não só rendemos culto a uma das mais elevadas figuras da turma (a Senhorinha em questão é a mais alta das collegas) como procuramos enaltecer os dotes moraes e intellectuaes em que a Senhora Natureza foi prodiga a seu favor. Sabendo aproveital-os, cultivando-os, brunindo-os, é hoje a nossa colleguinha uma das mais conhecidas e respeitadas na Escola pelo seu talento e preparo. O principio de seu curso é totalmente distincto e chegará provavelmente ao fim tambem com distincções, pois, dia a dia mais se applica e mais successos obtem. Della não poderiamos dizer como Arthur Azevedo: Falta-lhe o "savoir vivre", pois "raffinée" no gesto e nas maneiras, é ella verdadeira diplomata. *Magrinha, clara, de olhos e cabellos muito pretos, é de uma sympathia tal que logo nos torna captivos. Em casa é a preferida da mamãe, dos maninhos, das cunhadas e até dos sobrinhos, que não passam um momento sem a "tia Maia". Mas... (a nossa tesourinha não descansa) fiados neste cantinho de revista inaccessivel á Senhorinha e nosso anonymato é que nos atravemos a dizer aqui, muito em segredo, que ella não perde o cinema da Tijuca, em determinados dias da semana para ver aquelle elegante e intelligente rapazinho que lhe faz uns cumprimentos tão rasgados...* — N. N.

Osorio Dutra, o fino poeta de *Terra Bemdita*, cujos versos de fórma perfeita e alto pensamento têm sido o encanto espiritual deste começo de inverno.

Almoço offerecido aos nossos collegas Wladimiro Bernardes, Amadeu Amaral e Hugo Aranha, da *Gazeta de Noticias*, no dia do anniversario do grande matutino.

TRANSEUNTE

Era linda e pequenina, do tamanho de uma grande boneca. Trazia um chapéo vermelho escondendo os cabellos negros. Tinha a bocca da côr do chapéo e os olhos da côr dos cabellos. Dizia que se chamava Nilsa. Mas, um senhor de Minas Geraes, que nos encontrou juntos, veiu informar-me (não sei por que...) que o verdadeiro nome della não era Nilsa. Nem me lembro já do verdadeiro nome della. Ha tanto tempo que isso aconteceu. Não me esqueci, entretanto, de uma chusma de tolices que fizemos. Coisas de creanças sem maldade. Houve até um silencio longo entre nós dois... Foi a nossa tolice maior, naquelle dia. Depois, ficámos a esperar... E não sabiamos o que esperavamos... Eu murmurei por fim: "Até amanhã?" Ella respondeu: "Se Deus quizer..."

Deus não quiz... Estou errado?...

ALVARO MOREYRA.

◇

"RAMO DE ACCACIA"

Reaccendeu-se de novo no coração nos dois a chamma rubra da paixão sem gloria. De novo as lamentações reciprocas, as juras, as lagrimas e o perdido sonho de amor que os desatina! A um jurou pertencer, por gratidão, suppondo que o viesse a querer depois, a outro deu o coração, a alma, apaixonadamente, com desespero e com loucura. Não quebra a jura que fez a um, não se póde entregar ao outro, que ama tanto. E entre o de que não gosta e o que adora e anceia, vive de soffrer, martyrisada num exilio freiratico, pallida e doida de amor. Quando se acabará o supplicio da creatura branca e ardente que dois corações desejam e a um só se prende, allucinadamente? Se amam, um rosal ou um deserto, um canto perenne de rouxinóes ou uma noite em tenebras, quem sabe lá para onde vae? Assim elles dois na affeição infeliz que os prendia. Que desejo immenso de se verem, de se tocarem, de se sentirem, unidos, como num prazer doce de nupcias! Mas nem sequer lhes é dado dizer alto que se amam! E vivem assim as duas creaturas que o amor estreita e que um destino máo separa. A's vezes, desalentado, pensando na que é um eterno sonho, elle pergunta: — "Para onde vamos?" Ella, a sós, faz egual pergunta, pensando nelle. E ninguem a ambos responde. Que fado adverso emmurchece a flor da paixão que a essas duas creaturas cinge?

CARLOS RUBENS.

◇

No parque da residencia do Sr. Dr. Miguel Calmon, Ministro da Agricultura, durante a recepção em homenagem ao centenario da Independencia da Bahia, na tarde de 2 de Julho

PALAVRAS...

Sabes? Estou muito triste sem saber porque e foi por isso que hoje li os teus versos. Não sei se te lembras que ha um anno, foi a mim que fizeste uns versos? Pois gôsto muito delles porque são versos e gôsto da ti porque os escreveste para mim. Mas não penses que te amo. E's para mim sómente um poeta e os poetas são tão hypocritas, que não merecem ser amados. E tu tens certeza disto. Lembras-te, que dois mezes depois de me cantares aquelles madrigaes, eu te encontrava uma noite? Teus olhos não mais estavam immersos na saudade e sim perdidos na contemplação daquella creatura que acompanhavas. Sabes? foi porque estava triste e li os teus versos que pensei em ti. — CARMEN DEL VILAR.

◇

Viver é andar para o desconhecido. Vive-se como se anda sem destino, para qualquer parte. Seja a existencia um

◇

A razão, quando analysa o amor que temos por alguem, destróe a unidade dessa pessoa; ora, é a essa pessoa na sua unidade que nós amamos. — FAGUET.

◇

Viver de amor e de agua fresca.

Cinema Para todos...

Chronica

FILMS COMICOS

Tempo houve em que todos os programmas dos espectaculos cinematographicos, entre nós, eram completados com a exhibição de um film comico, em uma ou duas partes. Nos cinemas dos Estados Unidos quando se projecta um film de enredo commovente, enternecedor, segue-se immediatamente a exhibição de uma dessas comedias disparatadas, sem pés nem cabeça, destinadas exclusivamente pelo grotesco das situações a fazer rir, dissipando de tal sorte a impressão transmittida ao espectador pelo film dramatico.

O espirito pratico do americano visa com isso fazer com que o espectador considere bem ganho o tempo, partindo após a comedia com o espirito desannuviado, sem mais se lembrar das emoções que soffreu com as torturas do heroe ou da heroina da primeira parte do espectaculo.

Parece que os nossos exhibidores não têm a mesma preoccupação, e por isso mesmo os films comicos rareiam no mercado. Elles não querem saber de alugar esses films, bem como os jornaes e films naturaes. Acham que fazem favor levando-os como complemento do programma.

Nos cinemas extra, Avenida Rio Branco, de programmas excessivamente carregados, não é rara a exhibição de dois ou mais films cujo enredo é uma sombria tragedia. E o pobre do espectador quando vae para casa leva o caminho a ruminar aquellas peripecias, que muita vez lhe interrompem o somno ainda.

Imagine-se o trabalho maldoso desses programmas idiotas em cerebros fracos ! A inconsciencia com que são organisados, a ignorancia por parte dos organisadores manifesta-se cada dia que passa de uma fórma chocante. Ha, dizem elles por fórma de desculpa, comedias boas na praça; mas essas comedias custam tão caro como um bom film e não é negocio adquirir o direito á sua exhibição. Depois, já completadas as 12 partes do seu programma com 2 films, elles perderiam dinheiro dando mais uma comedia ao publico. Entretanto, certo é, que grande parte desse publico preferiria ver um film dramatico e um comico a dois da primeira categoria.

De facto, ha films comicos caros. Naturalmente os exhibidores não pretenderiam levar um Carlito, um Buster Keaton, um Harold Lloyd pelo preço de uma comedia commum.

Mas essas comedias, as Christie, as Mack Sennett, as Sunshine mesmo ahi estão a se offerecer, a preços compensadores para complementos de programma. Com todas as suas fraquezas ou mesmo ausencia de enredo, a successão de scenas disparatadas, em que surgem ás vezes trouvailles *geniaes de um irresistivel sabor comico, o publico embora lhe reconhecendo a desvalia entretem-se e ri por alguns momentos. E nem elles visam outra coisa.*

E' esse um dos grandes defeitos dos programmas dos nossos estabelecimentos de projecção, digno por sem duvida de correcção.

Os films comicos de Carlito e já agora os de Harold Lloyd são pretenciosos, de longa metragem. Formam por si um programma e custam os olhos da cara, tanto é verdade que o que é bom custa caro.

Não ha de ser com elles que os exhibidores completarão os programmas de seus espectaculos.

Mas isso não é motivo para que o publico continue a ver Buck Jones em cima de Tom Mix, ou Gloria Swanson depois de Pauline Frederick.

Uma tragedia por noite ainda se supporta. Duas não. Isso chega a cheirar a desaforo. O que a gente quer levar do cinema é uma impressão agradavel. Isso de coisas tristes já ha muita cá por fóra, sem ser em fitas.

Que diabo ! Parece que já é tempo dos exhibidores se revelarem psychologos.

OPERADOR.

A NOSSA CAPA

JACK HOLT é nosso conhecido de longa data, quando aqui se apresentou em... é segredo...

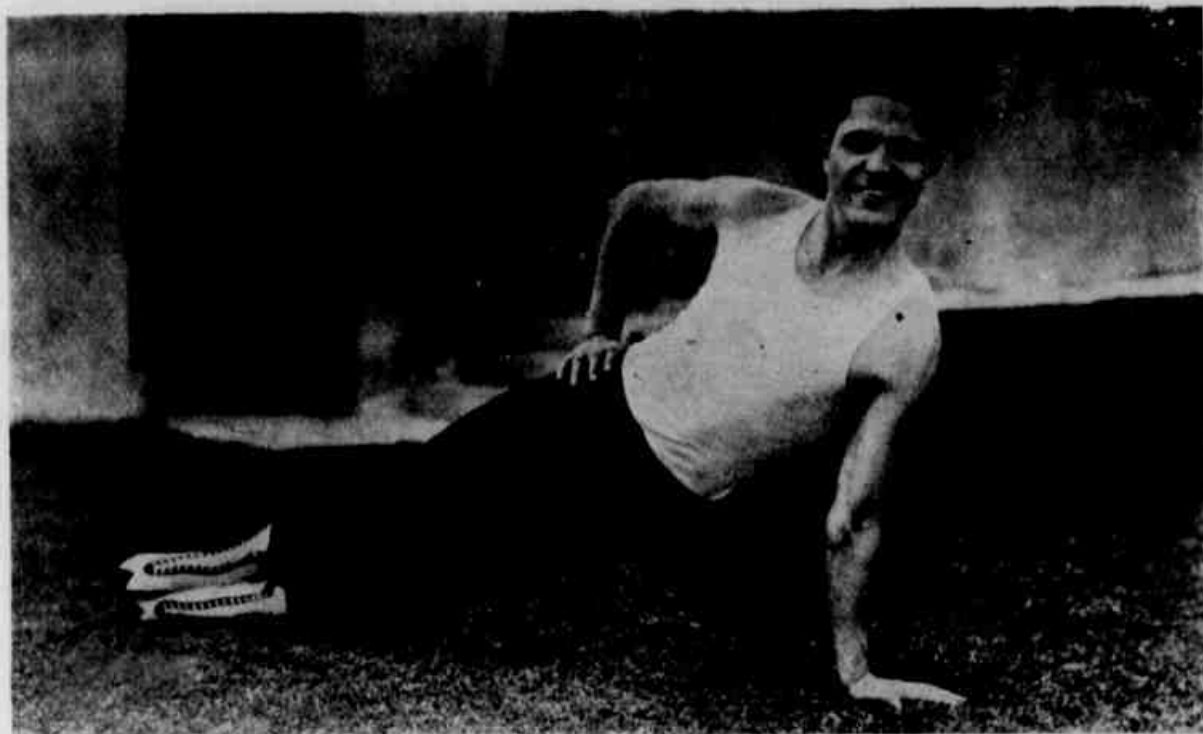
Começou na Universal, correu uma porção de fabricas e acabou na Paramount, que recentemente o elevou á categoria de astro de primeira grandeza.

E' talvez o unico actor de bigode que venceu e tambem o que com a mesma facilidade desempenha um papel de cynico, como um de heróe e de tal maneira convincente e extraordinaria, que, com a maior naturalidade, a gente sympathisa com elle, quando daquelle modo, como o aprecia neste.

Sobre Jack Holt e seus trabalhos ha muito que fallar e o pequeno espaço d'"A nossa capa" não permitte dizer mais do que se segue: Nasceu em Winchester, Virginia, no anno de 1887, pesa 80 kilos, tem 1 metro e 82 de altura, e tem olhos e cabellos castanhos. E' tambem casado e tem tres filhos.

No proximo numero — VIRGINIA VALLI.

* * *

Emilio Ghione está na Allemanha e terminou mais um film como interprete de *Za-la-mort* que o o popularisou. E sabem quem é a *Za-la-vie*, agora? E' Fern Andra !

Malcolm Mac Gregor, conhecido galã.

simplesmente estupenda, do futuro anno cinematographico.

☆ ☆ ☆

Harry Carey finalisou o seu quarto film para a F. B. O. Chama-se *The miracle baby* e collaboram na interpretação Charles Le Moyne, Margaret Hedda Nova, Bert Sprotte e outros.

☆ ☆ ☆

Como se sabe, Thomas Ince, pelo contracto firmado com a First National, tem de dirigir pessoalmente um film por anno. *Country lanes and city pavements* é o titulo do primeiro escolhido, e deve ser notado que Ince não faz isso desde a *Civilisação*. Entretanto, os leitores bem sabem quantas super-producções delle foram fabricadas aqui no Rio...

Os proximos films de Constance Talmadge serão: *Dangerous maid*, a aventura de uma rapariguita na côrte do rei James, que é assim uma especie de *Um yankee na côrte do rei Arthur*, e depois *Madame Pompadour*, e, apezar do titulo, a historia passa-se nos tempos actuaes. Não ha mais detalhes ainda destas producções, que a First National inseriu na sua programmação, aliás,

Num intervallo da filmação de "The man who saw tomorrow": Frank Coulon, co-autor; Leatrice Joy e Thomas Meighan, artistas principaes; Alfred Green, director; Alvin Wickoff, operador.

O pae de Jackie Coogan

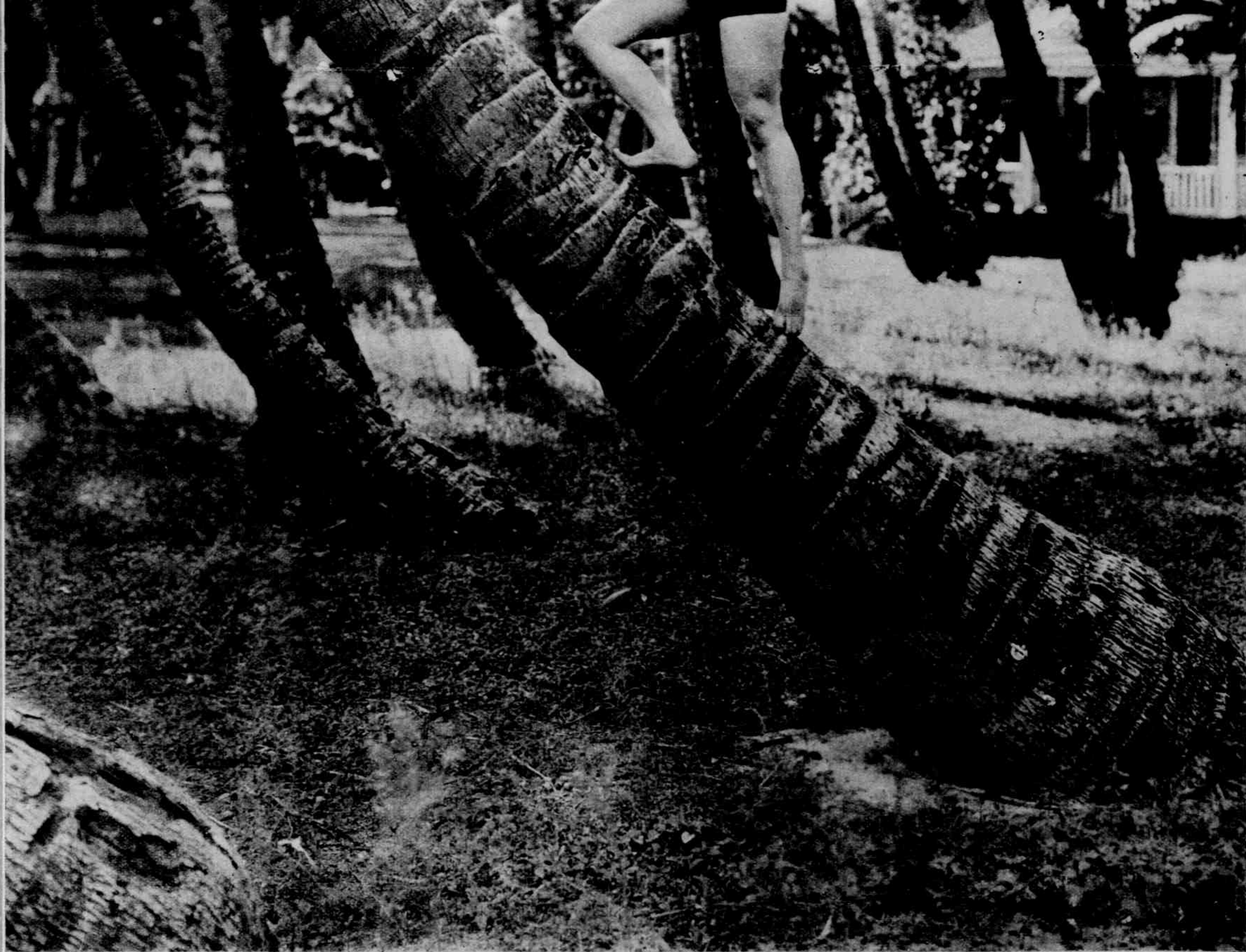
☆ ☆ ☆

Colleen Moore é a *estrella* de dois films da First National: *Flaming Youth* e *The just and the unjust*.

☆ ☆ ☆

Em *Master of woman*, da Metro, dirigido pelo grande director Reginald Barker, figuram Barbara La Marr, Pat O'Malley, Earl Williams, René Adorée, Wallace Beery, Joseph Swickard e Robert Anderson, um dos grandes interpretes dos films *Corações do mundo* e *Coração da humanidade*.

☆ ☆ ☆

Scarlet City e *Chastity* são os titulos dos ultimos films da bella Katherine Mac Donald para a First National.

BETTY COMPSON NUM COQUEIRO DAS ILHAS HAWAI ONDE SE FILMOU O SEU ULTIMO FILM *THE WHITE FLOWER*

Agora commenta-se o namoro de Constance Talmadge com John Charles Thomas, um cantor de opera e com Irving Thalberg, que deixou ha pouco o cargo de director geral da Universal City para trabalhar ao lado de Louis Mayer, grande productor. Elle tem enviado muitas flores a Constance e os dois estão sendo vistos juntos constantemente. Convem notar que a graciosa irmã de Norma ainda não está perfeitamente divorciada de John Piogolo.

☆ ☆ ☆

Ruth Clifford já está reapparecendo com mais frequencia: é a *leading-woman* de Charles Jones em *Hell's hole*. Este actor terminou ha pouco *The eleventh hour*, com Shirley Mason, e além do film citado vae fazer tambem um outro, secundado por Carmel Myers, Earl Metcalfe e Peggy Shaw, a heroina da *Missão divina*.

☆ ☆ ☆

O filho prodigo, de Hall Caine, filmado por uma fabrica ingleza, foi muito bem acolhido pela critica americana, que o considera o melhor film inglez até agora.

☆ ☆ ☆

Pete Morrison vae novamente fazer uma serie de films de 2 partes para a Universal sob a direcção de Jay Marchant, o director da *Volta de Cyclone Smith*.

☆ ☆ ☆

Marion Davies terminou para a Cosmopolitan - Goldwyn, *Little old New York*, coadjuvada por Montagu Love, Harrison Ford, Mahlon Hamilton e outros. O seu proximo film será *Yolanda*.

Carlito com o casal Martin Johnson, expedicionarios cinematographicos.

Walter Hiers e sua esposa.

☆ ☆ ☆

O film *Old Madrid*, de Clara Kimball Young, para a Metro, passou a chamar-se *A wife's romance*.

☆ ☆ ☆

William Russell, Mabel Julienne Scott e Charles West são os principaes artistas em *Times have changed*, da Fox.

☆ ☆ ☆

Harry Millarde, o director de *Honrarás tua mãe* e *A povoação que esqueceu Deus*, terminou *If winter comes*, filmado na Inglaterra e que agora exhibido em sessão privada lhe teceram os maiores elogios. O seu proximo será *The governor's lady*, peça de Belasco, de successo ruidoso. Robert Haines e Jane Gray, dos theatros de Broadway, são os artistas principaes.

George Fitzmaurice e Pola Negri

UMA VICTIMA DA SOCIEDADE

(THE INVISIBLE POWER)

Film Goldwyn. Producção de 1921.

DISTRIBUIÇÃO

Sid Chambers . .	House Peters
Laura Chadwick .	Irene Rich
Mark Shadwell .	De Witt C. Jennings
Bob Drake . . .	Sidney Ainsworth
Mrs. Shadwell . .	Jessie De Jainette
Mr. Miller . . .	William Friend
Mrs. Miller . . .	Gertrude Claire
Giggling Neighbor	Lydia Y. Titus

E viveram muito felizes...

Nada mais falso do que o proverbio popular — "A occasião faz o ladrão". Se se dissesse o contrario, sim, dir-se-ia a verdade, "o ladrão faz a occásião". O individuo probo não rouba, mesmo que encontre occasião; o deshonesto faz a occasião para os seus instinctos. Ora, quando Sid Chambers deixou a sua cellula onde purgara durante alguns annos os seus crimes, não sahiu melhor do que quando para ali entrara.

A prisão não regenera ninguem, e não muito menos regeneraria Sid Chambers, profissional do roubo e personalidade de destaque entre os da sua grey. A prova é que, á porta do presidio, o ex-sentenciado tomou directamente o caminho do café do grego Mike, que de café só tinha o nome.

Mike era o que gyria dos gatunos se chama um "intrujão" (individuo que vive de comprar roubos), e sua casa um perfeito antro onde se reunia todo o povo de gatunos da cidade.

Sid sabia que encontraria ali muitos dos seus companheiros, á espera delle, para festejarem a sua libertação, mas ignorava que entre os interessados na sua liberdade estava tambem, embora de maneira um pouco diversa, Mark Shadwell, o *detective*, pavor e phantasma de todos elles, pela sua habilidade e perfeito conhecimento do mundo a que pertencia Sid, o mesmo Shadwell, a quem elle devia a villegiatura á sombra, da qual voltava naquelle momento. Mas Sid não levou muito tempo nessa ignorancia, porque o *detective*, que sabia da sua libertação e tinha muito interesse em não o perder de vista, o vinha seguindo. Mal acabava Sid de receber um dinheiro que Mike lhe emprestava, e Shadwell apparecia dirigindo-se a elle com uma expressão sarcastica no olhar:

— Então, de novo em actividade, hein, meu velho? disse o *detective*.

— Para o que der e vier, respondeu Sid.

— Pois aconselho-te a andares direito, porque quando me aprouver posso trancafiar-te de novo. Tenho em meu poder todas as provas de uma velha trapaça tua. Toma cuidado.

Sid achou melhor interromper o colloquio que nada lhe agradava. De resto ali estava o seu companheiro que acabava de entrar, Bob Drake, e de cujo estado de saude já hava sido informado.

Drake tinha accessos de tosse que pareciam arrancar-lhe os pulmões do logar. Nem mais podia "trabalhar", informara ha pouco uma rapariga a Sid, tal o perigo que constituiu de se transformar em signal de alarme no correr do "trabalho". Sid olhou cheio de piedade para o velho camarada e disse-lhe:

— Escuta Bob, nós vamos para o campo até que te passe essa maldita tosse. Demais, preciso de me pôr fóra das vistas de Shadwell, que me está vigiando.

E naquelle mesmo dia os dois companheiros apanhavam um trem qualquer e deixavam a cidade. No dia seguinte aboletavam-se numa velha e tranquilla aldeia, na pensão dirigida pelo casal Miller, que alugava quartos a "pessoas respeitaveis", como lhes informava a velha dama ao recebel-os.

Nessa respeitavel pensão alojava-se tambem uma joven de nome Laura, orphã de pae e mãe. Seu pae fôra o pastor da localidade; tendo morrido, ficara sósinha e viera morar naquella casa respeitavel dos bons parochianos do seu fallecido pae.

A graça simples e sem artificios da rapariga exerceu profunda impressão no espirito de Sid, inspirando-lhe maneiras cortezes e delicadas, que não estavam nos seus habitos. De tal modo se houve elle, que dentro em pouco era distinguido com a amisade e a confi-

Shadwell vira Bob com o dinheiro

ança da moça. Com o correr dos dias esses sentimentos iam evoluindo pouco a pouco para o termo natural de toda a amisade entre duas creaturas de sexo differente, evolução esta a que Bob assistia com certa inquietação, vendo, de um lado, uma creatura immaculada e do outro, um homem com um passado escabroso. Sid, porém, no enlevo da nova visão que se encaminhava para elle, esquecia quasi que completamente esse passado. Mas um dia, Bob veiu despertal-o da miragem fascinadora:

— Esta rapariga está-se apaixonando seriamente por ti, Sid! observou-lhe o companheiro.

Sid suspirou; sim elle sabia que aquella moça não era para elle, era muito pura. E a sua resolução foi rapida; partiria no dia seguinte. Quando Laura viu aquellas malas na sala, em baixo, indagou o que significava aquillo, e a senhora Miller informou-a de que os dois pensionistas se iam embora naquella tarde. Laura, mal podendo disfarçar a sua perturbação, perguntou pelos dois amigos e a velha dama respondeu:

— Elles estão ahi por fóra, mas naturalmente passarão pela escola para se despedirem de ti, se sahires antes que voltem.

O relogio da sala de aulas ia marcando os minutos, quartos e as horas de impaciencia de Laura.

Os trabalhos estavam terminados, as creanças foram-se, mas a professora ficou. Afinal, quando faltava um quarto para ás quatro, hora da partida do trem, Sid chegou.

— Laura! exclamou elle dirigindo-se para ella, vim despedir-me.

A moça estendeu-lhe a mão num movimento lento, que traia o seu immenso pezar, e Sid, não se podendo conter, puxou-a para si e beijou-a com violencia. Depois, num impulso de sinceridade, da honestidade que ha no fundo de toda a consciencia, por mais degradado que pareça o individuo, Sid fez um gesto de repellil-a de si e declarou, preso de uma grande emoção:

— Laura! esquece-me! Sou um homem indigno de ti, sou um ladrão, um ex-sentenciado!

E como quem procura alliviar-se de um segredo que lhe esmaga a consciencia, o ex-calceta contou-lhe toda a sua historia. Quando terminou admirou-se de não ver no rosto da moça a expressão de horror que esperava que ella sentisse. Ella apenas lhe disse:

— E é por isso que te vaes?

— Sim respondeu o homem, não posso pedir a um anjo de pureza que ligue a sua vida á de uma creatura vil, como sou.

— Para mim, caro amigo, creio que has eliminado todo esse passado com a confissão que acabaes de fazer.

Bob vinha em busca do amigo, e, ao vel-o com a moça, não se reteve e vociferou:

— Sid! Não tens o direito de fazer a infelicidade dessa moça!

Quem respondeu foi Laura, com um sorriso sereno no rosto, dizendo que Sid ia começar vida com ella. Bob acreditava que Sid fosse capaz disso, porque quando queria uma coisa sabia obtel-a. Mas o diabo é que deixar a antiga vida não dependia da sua vontade — a policia não o deixaria sahir do meio, perseguindo-o sempre como um gatuno. Em todo caso, desde que Sid lhe promettia nunca mais falar a um gatuno, elle tinha confiança nos seus projectos. E Bob partiu sósinho de regresso á cidade, onde pouco depois recebia communicação do casamento de Sidney Chambers com Laura Chadwick.

Sid! Não tens direito de fazer a infelicidade desta moça!

A vida dos recem-casados corria ditosa na modesta vivenda do arrabalde, onde haviam construido o ninho dos seus amores. Sid trabalhava honestamente e via o seu esforço bem compensado, e Laura já tinha um segredo para fazer uma commovente surpresa ao marido. Mas o destino impiedoso ia tecendo a sua trama cruel. "Os cães de fila não o deixarão sahir da sua antiga vida", dissera Bob. Por essa occasião deu-se o roubo de um collar de brilhantes e os jornaes acharam que "já era tempo da policia libertar a cidade dos ladrões que a infestavam." O chefe de Shadwell, chamou-o e disse-lhe que a descoberta daquelle roubo era um caso de honra para o seu pessoal.

— Trata de apanhal-o, Shadwell e és um homem feito, concluiu o chefe.

Shadwell não precisava de tanto para sentir despertarem-se-lhe os instinctos de policia, e partiu direito para a caverna do grego Mike, onde, tinha a certeza, estava a chave do negocio. De facto, o producto do collar acabava de ser partilhado entre a quadrilha quando irrompeu na baiuca. Sua presença, foi, porém, assignalada e quando o policia entrou nada poude apanhar que lhe adiantasse. Sahindo desesperado e despeitado, Shadwell postou-se do lado de fóra da porta, e não tardou a ver Bob Drake contando um maço de notas. O *detective* sorriu com sarcastica maldade e afastou-se. Por infelicidade, commetteu a imprudencia de se dirigir dali á casa de Sid, a quem devia o dinheiro que este gastara com elle na villegiatura no campo — na aldeia onde Sid conhecera Laura, o seu fanal. Sid recebeu o ex-companheiro cordialmente e só acceitou o dinheiro porque "agora era preciso pensar em Laura". Bob quiz dizer-lhe como havia obtido aquelle dinheiro, mas Sid cortou-lhe a palavra:

— Não me digas nada, meu amigo, é perigoso. Se Shadwell desconfiasse que eu sabia alguma coisa, cahiria sobre mim para me obrigar a falar.

— E eu receio que elle me tenha seguido, disse Bob de repente apprehensivo.

E, effectivamenete, mal acabava de pronunciar estas palavras a campainha tocou. Sid foi abrir a porta. Shadwell entrou. E teve, então, começo a scena penosa para Sidney Chambers, que ignorava completamente a historia do tal roubo do collar, que o *detective* á viva força queria que elle soubesse por intermedio de Bob. Shadwell vira Bob com dinheiro, Bob viera á casa do seu antigo associado e amigo intimo; que outro motivo havia para ligar esses dois factos senão o roubo do collar?

Nesse momento, Laura, que havia ido á casa de uma visinha, entrou na sala e ficou surprehendida com a insolita scena. O *detective* adeantou-se e explicou-lhe: se não desejar perder o seu amigo, convença-o a falar.

Ella fitou o marido com uma funda angustia no olhar, mas Sid confessou-

(*Termina no fim da revista*)

A' Porta do Theatro

Margie era tambem leader *de todas as pandegas...*

(THE FOOLISH AGE)

Film da Robertson-Cole — Producção de 1921 — Direcção de William A. Seiter.

DISTRIBUIÇÃO:

Margie Carr.......	Doris May
Homer Dean Chadwick	Hallam Cooley
"Old Top" Carr...	Otis Harlan
Lester Hicks.......	Arthur Hoyt
Flossy	Lillian Worth
Bubbs	Bull Montana
Cauliflower Jim...	Billy Elmer
Todd	"Spike" Robinson

OPINIÕES DA CRITICA

A ultima producção da Robertson-Cole com Doris May é uma comedia ligeira de boa qualidade.
Moving Picture World

Fraca, mas agradavel comedia-drama.
Exhibitor's Herald

Brilhante comediazinha com Doris May no principal papel.
Motion Picture News

Fraca mas excellente divertimento.
Wid's

—

Margie Carr era, pelo seu espirito alegre e folgazão, pelos impulsos generosos do seu coração, uma figura de destaque entre as suas collegas. O bastão de *leader* que ella empunhou nos quatro annos vividos no pensionato fôra a legitima conquista de um temperamento vivaz e imperioso, desses que sabem impor-se ao meio ambiente, pela graça e pela sympathia que se communicam e se insinuam a tudo que gravita na orbita da sua acção.

Era, portanto, apenas exterior sorriso com que as suas companheiras se despediam de Margie, da "nossa Margie", como ellas a chamavam, naquelle dia de separação, quando, recebido o grão, todas se despediam umas das outras, seguindo cada qual o seu caminho, promettendo reunirem-se de vez em quando, para recordarem juntas os dias despreoccupados e felizes do collegio.

"Agora, jovens damas, entraes no caminho das graves responsabilidades, dizia o director da escola, no seu discurso annual de praxe ás graduandas. O céo foi prodigo para comvosco, mas deveis lembrar-vos que a creatura é obrigada a dar na medida do que recebe. A educação moral e mental que adquiriste traça a vossa missão na vida-missão de consolo de regeneração. Ha myriades de almas soffredoras e infelicitadas a reclamar a vossa assistencia e essa é uma cruzada humana e social digna de vós".

Esses conceitos calaram no espirito altruista e impulsivo de Margie, e quando, de volta ao lar, ella pensou numa orientação definida para a sua existencia de moça rica, a idéa do apostolado suggerida no adeus do mestre pareceu-lhe a unica de uma alma bem formada.

Era esse o fio dos seus pensamentos que Homero Dean Chadwick veiu cortar, mostrando-lhe exultante um recorte do jornal em que o Sr. Carr, fizera annunciar o contracto matrimonial de sua filha Margie com Homero Dean Chadwick.

— Agora só nos resta marcar a data, não, querida? falou o rapaz com doce commoção na voz.

— Oh! Chad, como pódes tu falar em casamento deante dessa coisa grandiosa? respondeu Margie, em tom de amavel *reproche*. Chadwick espantou-se pois havia nada mais importante do que o acto que deveria unil-os nos laços do hymeneu?

— Sim, a cruzada regeneradora. E' a minha missão e a ella devotarei inteiramente minha vida, affirmou a moça com o ardor de uma illuminada. Chadwick procurou obtemperar, mas a sua promettida era voluntariosa e seu pae nada sabia recusar-lhe.

Assim, algumas semanas mais tarde á entrada de uma sala num grande edificio de escriptorios de negocios, lia-se a taboleta pretenciosa: "Escriptorio da Cruzada Regeneradora de Margie Carr".

Faltava agora um secretario e Margie annunciou que precisava de "um rapaz em condições de vida absolutamente precarias e sem um unico amigo no mundo".

E era de ver a multidão de párias e vagabundos que de todos os pontos da cidade correu a se agglomerar na porta da "Cruzada Regeneradora", dentre os quaes se destacava a figura de Bubbs, perfeito exemplar taurino. Bubbs quando leu o annuncio decidiu que o emprego seria seu e de tal maneira abriu caminho entre a massa de candidatos que Margie não se teria sentido com coragem de recusar os seus serviços.

Nunca até então ella vira um typo de homem daquella especie; a fealdade do bruto fascinou-a, e Margie sentiu de instincto que junto daquelle mastim estaria garantida. Havia bravura e lealdade no seu olhar e força nos seus musculos. Essas qualidades o novo secretario não tardou a demonstrar e justamente contra o pae e o noivo de Margie, que, chegando na occasião e vendo aquella horrivel legião de seres degradados, temeram pela segurança de Margie e entraram a convencel-a da sua imprudencia. Os seus argumentos eram apresentados com certa vehemencia, e Bubbs que estava na sala de fóra julgou tratar-se de importunos, acudiu, e, em dois tempos, mostrou ao Sr. Carr e Chadwick o andar da rua. Chadwick sentia-se verdadeiramente desesperado; aguardar pacientemente pela noiva durante quatro annos e agora aquella historia.

— E' preciso arranjar um meio de desgostal-a desse negocio, aconselhou Carr. Quando ella vir que os seus anjos não passam de perfeitos brutos vae-se toda a phantasia.

Chadwick achou a idéa boa e o meio que elle arranjou foi disfarçar-se em pária e comparecer á reunião de uma sociedade de um bairro pobre em que sabia Margie estaria presente. Quando Margie terminava o seu discurso promettendo a sua assistencia moral e material ao auditorio, um typo mal encarado e maltrapilho adiantou-se, e agarrando-a pelo braço poz-se a vomitar improperios. Mal, porém, havia soltado as primeiras palavras viu-se envolvido e de tal fórma maltratado que deu graças a Deus de ter sahido vivo da aventura. Com as costellas magoadas, Chadwick confiava mais tarde a Lester Hicks, seu camarada, que aquelle meio era um tanto perigoso e fazia-se, portanto, mister descobrir um outro plano. Hicks offereceu-se então, para auxiliar o amigo, personificando um

dos membros da legião dos párias que constituiam o objecto do apostolado de Margie; assim arranjaria meios de pregar-lhe peças que a fariam amaldiçoar a hora em que acreditara na possibilidade do levantamento moral dos *bas-fonds*. Poucos dias depois Margie julgava chegado o momento de demonstrar aos seus amigos scepticos a verdade das suas crenças, e organizou uma festa intima em sua casa, afim de provar que a creatura social é sobretudo "uma questão de roupas". E a sua gente compareceu toda de ponto em branco, mas Margie verificou, sem desanimo, aliás, que a demonstração não dera inteiramente o resultado desejado. Os seus protegidos e discipulos portaram-se como uma verdadeira tropa de cavallos e os amigos de Margie ao cabo de poucas horas davam-se por plenamente satisfeitos e iam se "raspando" sem saudades da festa.

A experiencia teve, entretanto, a utilidade de pôr Margie em contacto com Hinks.

O noivo de Margie chamou-lhe a attenção para aquelle homem que se conservava sorumbatido a um canto, sem participar da alegria geral. Na sua funcção de dona da casa ella foi ao homem, procurando saber da causa do seu aborrecimento, e então soube a historia dolorosa de uma linda mulher que o havia enfeitiçado e depois lhe rasgara o coração, abandonando-o por um typo de dinheiro.

— E desde esse dia, concluiu o rapaz, tenho-me visto constantemente dominado pela vontade do suicidio. Estou num desses momentos de crise, agora, soluçou o desventurado.

Margie compadeceu-se e deu-lhe o endereço do seu escriptorio: que elle a procurasse nos momentos amargos e ella a ajudaria a vencel-os. Embóra o baile houvesse resultado em fracasso, Margie não desanimara de fazer dos seus protegidos homens de sociedade, e a segunda experiencia foi leval-os ao theatro. Mas nessa noite, ao entrar no camarote com o seu rebanho, ella mal pôde acreditar nos seus olhos: no camarote opposto estava Chadwick cercado por um lote de lindas raparigas. Margie mudou de côr e mais damnada ficou quando, instantes após, um *garçon* lhe entregava um bilhete: era do noivo e este lhe dizia que era o exemplo della lhe mostrar o egoismo da vida que até então elle levara, esquecendo-se de que havia tanta rapariga neste mundo necessitada de um pouco de consolo e felicidade. "Resolvi, pois, trazel-as aqui, collaborando assim na tua santa cruzada", terminava o bilhete. Os olhos de Margie lampejaram de cólera, mas os "seus rapazes" não lhe deram tempo para "chocar" o seu despeito. Fariam uma algazarra de todos os diabos, comiam nozes e atiravam as cascas á platéa sobre os espectadores. Ella deu graças a Deus quando se levantou o panno, mas o seu allivio foi de curta duração; a rapaziada interessou-se vivamente pelo drama, tomando

(*Termina no fim da revista*)

Margie e os seus rapazes: *Hicks, Jim, etc.*

fidalgas, pouco depois obtinha da moça a promessa de ser o conviva de honra da recepção que naquella noite elle offerecia aos seus amigos, projectada para celebrar a victoria de "Rivadavia", mas já agora em homenagem a "Scampaway".

Se ella conhecesse a fama de que gosava na sociedade buonairense a *garçonniere* de La Tassa, por certo não teria voltado atraz da sua primeira recusa, mas Natalie ignorava a reputação de estroinice e, além disso, sympathisara em extremo com o joven.

Quando ella chegou a casa de La Tassa já a festa ia em pleno calor. Manuel fez as apresentações e Natalie marcou logo com a sua antipathia um dos amigos do amphytrião — um tal Pedro Grossa, que visivelmente excedera a conta nas bebidas e excedia-se nos gestos e maneiras. Mas a moça não tardou a esquecer essa má impressão deante da surpresa que lhe estava reservada: a dado signal de Manuel, descerrou-se um velario e "Scampaway" surgiu negro e reluzente montado pelo seu jockey. O primeiro gesto de Natalie foi de aborrecimento, mas os modos captivantes de La Tassa transformaram num sorriso o seu enfado e a tal ponto que, tendo o jockey apeado, após uma volta pela sala, quem se deixou alçar á sella por Manuel foi a propria Natalie. E todas as taças se ergueram em honra da encantadora proprietaria de "Scampaway", vencedor de "Rivadavia". Um tanto vexada com a insolita manifestação, Natalie procurava desmontar, quando dois braços se lhe offereceram: eram os de Pedro Grossa. Apezar de tudo ella os acceitou, mas a sua indignação foi ao auge quando ella sentiu nos seus os labios sofregos do homem. Manuel precipitou-se fóra de si e Pedro Grossa cambaleou attingido por valente murro e abateu maltratado no assoalho.

Natalie foi á festa em casa de La Tassa.

Estabeleceu-se enorme confusão, da qual Natalie aproveitou-se para se afastar daquelle local, onde commettera a imprudencia de ir, embora acompanhada pela esposa do embaixador. A caminho de casa, esta procurava attenuar o effeito da scena, informando-a de que Grossa e La Tassa eram inimigos de longa data. Nunca haviam ousado romper abertamente, mas era sabido que as duas familias, as mais poderosas da Argentina, não se gostavam. Os Grossa, Pedro e seu pae, eram o máo espirito da politica do paiz. Dominavam o parlamento, a que La Tassa tambem pertencia, mas onde nunca punha os pés, dado o seu espirito rebelde. Entretanto, elle poderia exercer grande influencia na vida politica.

Na manhã seguinte, ao chegar ao prado para assistir ao cotejo habitual, Natalie foi immediatamente posta por seu jockey ao corrente do que se passava: por sua causa La Tassa e Grossa iam bater-se em duello. Natalie, sem adivinhar porque, temeu pela vida de Manuel e com a vaga informação dada pelo jockey Danny, sobre o logar do encontro, saltou com este para o seu carro, empunhou o *guidon* e o motor girou resfolegante, arrancando com impeto. Em pouco tempo a distancia que separava a cidade do bosque indicado por Danny foi vencida, mas Natalie só chegou a tempo de ouvir duas detonações vibrarem no ar frio da manhã. Precipitando-se atravez do mattagal que lhe rompia as vestes, ella viu numa clareira do bosque um homem por terra, cercado de tres individuos, emquanto um outro grupo se encaminhava para uma *limousine*. Ao se approximar do grupo parado, Natalie sentiu-se quasi desfallecer: por terra, livido, immovel, jazia Manuel La Tassa. O medico tranquillisou a sua angustia: Manuel estava apenas ferido. Era preciso transportal-o immediatamente para submettel-o a tratamento. Para a cidade não seria possivel, pois, sendo o duello prohibido, elle seria preso. Foi então decidido que Manuel seria levado para a sua casa de campo e Natalie offereceu-se para conduzil-o no seu carro juntamente com o medico. Uma vez ali, terminado o seu exame, o medico affirmou não ser o caso grave, mas era preciso um tratamento extremamente solicito. Infelizmente a

(*Termina no fim da revista*)

... na brilhante carruagem, ostentando...

Rodolph Valentino
e
Marjorie Bonner
numa das
scenas do film
"O joven Rajah".

O PALCO E' BOM, MAS O CINEMA E' MELHOR — DIZ GEORGE FAWCETT

Quando qualquer producção theatral é trasladada para a cinematographia, torna-se mais expressiva, mais natural, muito mais comprehensivel.

Ninguem ouviu exclamar:

— Esta producção theatral foi prejudicada com a adaptação feita á cinematographia.

Assim nos affirma o eminente actor George Fawcett, veterano dos palcos americanos, actualmente um fervoroso cultor da arte do silencio, protagonista de varias producções de valor.

— Constato que V. sente grande prazer em assistir á exhibição dos films ? — observou alguem ao illustre artista.

— E' verdade. A facilidade e correcção com que as fitas são dirigidas e a maneira porque são interpretadas dão-me sempre muito prazer, como manifestação artistica.

— No emtanto V. ama muito o palco, não é verdade ?

— Sim, meu amigo, amo muito o palco, é certo, todavia, sou o primeiro a reconhecer que pouco é comparado á cinematographia, pois, nesta, as obras são mais expressivas: attendamos ao seguinte facto importantissimo:

No palco qualquer producção tem de se contentar com quatro actos e algumas scenas, que se tornam pesadas, tendo para bom comprehendimento de repetir-se a mendo o que se passou, resultando assim as longas tiradas que longe de entreter o publico o fatiga.

— Tem V. muita razão, comtudo, devemos reconhecer que essas continuas allusões são necessarias á technica theatral, porque sem ellas a obra seria inevitavelmente incomprehendida.

— Mas, meu bom amigo, note que tudo isso se dispensa na cinematographia, onde vemos todos os exteriores na sua magnifica e imponente belleza, o enredo melhor demonstrado á constante visualisação do local onde se desenrola a acção, auxiliada pela grande variedade de scenas esplendidas e empolgantes, que o artista vive, fazendo viver os espectadores. A proposito, occorre-me lembrar-lhe o film *Terra de fogo*, do romance de Robert Louis Stevenson, cuja acção se passa nas ruas de Papeete, no Tahiti, no convez de alguns navios, numa grande lagoa, onde os protagonistas — um homem e uma mulher — têm uma formidavel lucta com um polvo de grandes dimensões, isto não mencionando uma longa série de scenas passadas nos comboios, no ar, etc., scenas que seriam impossiveis de effectuar-se no palco.

— Com franqueza — rematou o distincto artista — o cinema dispõe de muito recurso; por isso mesmo se torna superior ao palco.

— Concordo absolutamente.

— Senão, repare, meu amigo, quanta producção theatral nos parece mesquinha, antiga, má, depois que a apreciamos, com todos os detalhes, no cinema ou vice-versa ?

— Observou V. muito bem — respondeu o seu interlocutor, trocando em seguida um affectuoso aperto de mão de despedida, já então com a promessa feita pelo artista de nos fallar mais vezes sobre a arte do silencio.

✣

Os leitores se lembram do film *Ondina*, da Universal, passado aqui ha uns oito ou nove annos ?

Vae ser refilmado pela Fox, sob a direcção de Henry Otto.

LAÇOS EM PENHOR

(PAWNED)

Film da Selznick, lançado em Dezembro de 1922, escripto por Frank Packard, o autor do "Homem miraculoso" e dirigido por Irvin V. Willat.

DISTRIBUIÇÃO

John Bruce . . .	Tom Moore
Claire Venzia. .	Edith Roberts
Dr. Crang . . .	Charles Gerrard
Paul Venzia . .	Joseph Swickard
Mrs. Venzia . .	Mabel Van Buren
O velho Hawkins	James Barrows

OPINIÃO DO "EXHIBITORS TRADE REVIEW"

Excitante e extremamente interessante melodrama, com um enredo bem desenvolvido.

Seu pae não era o velho italiano usurario, mas sim o velho Hawkins...

Um passo mais á direita, um passo mais á esquerda decidem dos destinos de uma creatura. Com John Bruce foi assim. Se elle se tivesse deixado ficar á sombra do arvoredo a fazer confidencias ao luar da fulgurante noite meridional, em vez de penetrar naquelle recinto cheio de luzes, de bebidas e de mulheres, onde um mundo heteroclito de extrangeiros e de nativos dava expansão aos seus instinctos, John Bruce não teria encontrado a dansarina de pelle quente e morena, e, por causa della, não teria tido necessidade de experimentar a resistencia do punho num amante enciumado, e, por ultimo, não teria sido encontrado por Gilbert Larmond, aliás, seu conhecido, com uma proposta, que, dada a sua situação no momento, era um verdadeiro presente do céo. Bem impressionado pelo lance de bravura de Bruce, que revelava um espirito decidido, Larmond propunha-lhe uma viagem a New York, no desempenho de uma missão de caracter secreto. O caso era simples: Gilbert Larmond, figura muito conhecida nas rodas sociaes dos Estados Unidos, empregara secretamente capitaes na exploração de clubs de jogo, dos quaes o principal funccionava em New York. Ausentando-se em villegiatura, recebera denuncia de que os seus prepostos o estavam roubando. Bruce iria, pois, verificar a verdade. Firmado o contracto, como Larmond soubesse que a sua acção seria suspeitada dos meliantes, que o fariam espionar, combinou com Bruce um processo de correspondencia secreta, por meio de uma tinta invisivel que só se revelava quando humedecido o papel em agua salgada. Pelo contracto redigido por Larmond, Bruce compromettia-se a trabalhar para elle, "emquanto seus serviços fossem necessarios".

— Fico assim como uma especie de objecto empenhado! observou o rapaz extranhando essa clausula do ajuste.

Mas Larmond tranquillisou-o: não se arreceasse, quando chegasse o momento elle rasgaria a "cautella". E no dia seguinte John Bruce fazia-se de vela para New York, e para a mais extraordinaria aventura em que jámais foi dado a um mortal embarcar. Uma vez em New York, Bruce fez-se *habitué* do club de Larmond, passando por homem de fortuna, e poz-se em observação.

Percorrendo as salas e as differentes bancas de jogo, logo na primeira noite, Bruce, ao approximar-se de uma das mesas, viu um indivduo levantar-se e abordar o gerente do club que passava na occasião. O homem declarava estar completamente "prompto" e precisar de dinheiro para continuar a jogar. E dizendo isso offerecia um annel em penhor ao gerente.

— Lastimo não poder servir-te, retrucou o outro, mas isso é contra as praxes da casa. Mas tu só poderias pedir a somma que desejas, se fizesses uma viagem á Persia.

Intrigado com a historia de "uma viagem á Persia", Bruce resolveu esclarecer, e, como o gerente se afastasse, elle o seguiu dirigindo-lhe a palavra. Tambem tinha-se "aprompado" na roleta, dizia elle, e não lhe daria de fazer uma viagem á Persia. Deante dessa communicação o gerente perguntou-lhe se elle tinha alguma joia de valor, e, recebendo resposta affirmativa, conduziu-o a uma porta e chamou

...acabava de por "knock-out" o velho medico...

um taxi que permanecia parado a certa distancia.

— Tome esse taxi, sussurou-lhe o homem, e terá o que deseja. Quando voltar bata tres pancadas á porta que eu abrirei. Um tanto desconfiado com todo aquelle mysterio, Bruce, entretanto, seguiu as instrucções resolvido a tudo apurar, e pouco depois verificava que quem fazia a transacção era uma bonita rapariga e por signal bastante interessante apezar dos seus modos de "negocio". Bruce deu-lhe o seu annel, recebendo em troca uma especie de cautella e o dinheiro que pedira, sabendo nessa occasião da "usuraria" que o gerente levava uma boa commissão naquelles negocios. "Eis um dos *trucs* que o sujeito applica para lesar o seu patrão", disse Bruce comsigo. Mas não havia duvida que a historia era curiosa. E quem seria aquella rapariga? Bruce fez-lhe a interrogação e ella recusou-se a revelar a sua identidade. Isso mais lhe aguçou a curiosidade e elle resolveu seguil-a. Tomando um outro taxi, logo que deixou a mulher, ordenou ao *chauffeur* que acompanhasse o carro da mysteriosa emprestadora. Depois de uma longa corrida, quando o carro parou defronte de uma casa de sordida apparencia do bairro Leste, Bruce murmurou comsigo: "Oh! não me enganara. Trata-se de uma agente de casa de penhor. Mas bem habilidoso é esse diabo para armar taes negocios... Bruce regressava ao seu hotel, quando pouco adeante percebeu um vendedor de fructas a maltratar uma pobre menina que lhe furtara uma maçã. Indignado, elle desceu e arrebatou a pequena das garras do bruto. Disso resultou um conflicto, e Bruce não tardou a encontrar-se a braços com uma verdadeira legião de individuos, que eram amigos do vendedor e gente da sua grey, que correram em sua defesa. A lucta tornava-se desegual e Bruce procurou a victoria na ligeireza das suas pernas. Mas os adversarios eram teimosos e não abandonaram a presa. O perseguido conseguiu galgar o tecto de uma casa, mas na carreira não percebeu uma clara-boia e despenhou-se pelo buraco, indo cahir sem sentidos da enorme altura dentro de um aposento. Uma hora depois quando abriu os olhos, Bruce admirou-se de ver junto de si a joven dama do automovel. Esta o informou que elle recebera uma facada, mas o Dr. Grang, por ella chamado, declarara não ser nada importante. Em seguida a moça lhe perguntou como é que elle viéra parar ali, tendo-o ella deixado pouco antes no centro da cidade, e Bruce contou-lhe a verdade.

Bruce que se sentia muito enfraquecid o perdeu de novo os sentidos.

Fôra a grande impressão que ella lhe causara.

— Vê como lhe sahiu cara a curiosidade, observou ella enrubescendo com a declaração do rapaz.

Bruce, então, insistiu por saber quem era ella e ouviu:

— Chamo-me Clara Venzia e moro aqui com a minha familia. Meu pae tem negocio de penhores e vae sempre fazer o negocio em que senhor me encontrou, porque hoje justamente elle tinha outra coisa a attender e mandou-me em seu logar. Era a primeira vez que eu ali ia e foi o senhor o unico cliente que jámais servi.

A palestra ainda continuou entre os dois, mas Bruce que se sentia muito enfraquecido fatigou-se e perdeu de novo os sentidos.

Clara, alarmada, fez vir novamente o Dr. Crang, que apezar de medico não passava de um morphinomano. Interpretando a seu modo o interesse da moça pelo enfermo, Crang aproveitou a opportunidade para reiterar pela centesima vez a sua proposta de casamento á moça.

— Mas eu não vos amo, doutor!...

— Isso não importa, replicou elle com cynismo. Você sabe que eu tenho seu pae, Paul Venzia, nas minhas mãos e posso mandal-o á cadeira electrica no momento em que revelar o crime que elle praticou ha dez annos e de que fui a unica testemunha...

Clara prometteu que sim, que se casaria com elle, que faria tudo quanto lhe aprouvesse, por amor da tranquillidade de seu pae.

Diga-se aqui de passagem que ella estava perfeitamente illudida quanto á sua paternidade. Seu pae não era o italiano usurario, mas sim o velho Hawkins, o *chauffeur* que conduzira justamente Clara na noite do seu encontro com Bruce. Clara no emtanto, ignorava esse accidente de sua vida, pois entre Hawkins e Venzia firmara-se o pacto do primeiro guardar absoluto segredo.

(*Termina no fim da revista*)

Se elle não pudera sustentar a filha...

OS REFLEXOS DA BELLEZA

As fórmas harmoniosas, a plastica malleavel cujo desenvolvimento normal conduz a mulher entre os vinte e trinta annos á plena posse dos seus encantos, constituem a materialidade da natureza feminina e como que um centro luminoso cujos reflexos impalpaveis — e indispensaveis — são a Juventude, *a* Frescura *e a* Saude.

Não se concebe verdadeira belleza sem o persistente desenvolvimento da juventude constante. Ser nova, sempre nova! Não é esse o ideal de todos os instantes ao qual se liga, por um laço mais ou menos subtil, o ideal de todas as nossas aspirações?

Ser nova e conservar-se nova! Não é para a mulher deter, cravados na sua marmorea carnação pelo potencial de um iman invencivel, os olhares adoradores carregados de desejos e de extase?

As rugas que desenham o seu sulco no rosto, esses crueis vestigios da edade que espalham a sua queimadura sobre todo corpo, essa pesada inimiga que destroe a elegancia e pouco a pouco anniquila a elasticidade dos contornos, que ataca a orgulhosa proeminencia dos seios firmes, são tantos outros estigmas sinistros do outono feminino que devemos combater com toda a nossa imaginação e toda a nossa garridice.

Mme Ludovig, a especialista em tratamento da pelle e dos cabellos, póde ser util ás Exmas. Senhoras e Senhoritas que procurarem o seu Instituto, *ministrando-lhes os melhores preparados para a pelle e cabello. Ondulação permanente duravel para 8 mezes. Champôo, postiços e penteados ultimos modelos.*

Avenida Rio Branco, 170 (junto ao cinema Central) — Tel. C. 3011.

Dr. Reynaldo de Aragão, que seguiu para a Europa, onde vae aperfeiçoar os seus estudos clinicos. Tendo feito um curso brilhante, ha muito que esperar das qualidades do joven medico patricio.

CABELLOS

A Loção Brilhante *é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma fórmula scientifica do grande botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por* 200 *contos de réis.*

E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorisada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

1º — *Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.*

2º — *Cessa a quéda do cabello.*

3º — *Os cabellos brancos, descorados ou grisalhos voltam á sua côr natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.*

4º — *Detem o nascimento de novos cabellos brancos.*

5º — *Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.*

6º — *Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.*

A Loção Brilhante é usada pela alta sociedade de S. Paulo e do Rio.

Encontra-se á venda em todas as drogarias, pharmacias e perfumarias de primeira ordem.

Amar é bom; melhor é ser amado: um é servir e o outro dominar.

DESCONTO DE 15%

Além deste, tocando a campainha quando estiver fazendo o pagamento de suas compras, nada lhe será cobrado.

Alguns preços da secção de ***Fazendas:***

Superior Flanella alg., córte	11.900
Crepon Japonez, córte	15.300
Crepe Chiffon "novidade", córte	20.400
Superior Eponge "Francez", córte	28.100
Bengaline Pura Lã, metro	9.400
Sarja de Lã "Franceza", metro	11.900
Superior sarja fantasia, metro	14.500
Marocain Pura Lã "fantasia", metro	19.600
Seda lavavel "Superior", metro	11.900
Gaze Chiffon "Todas as cores", metro	10.200
Taffetá "Todas as cores", metro	17.900
Foulard seda fantasia, metro	18.700

OUVIDOR, 170

SABBADO, DIA DE BANHO

Comedia da serie Our-gang, *da Rolin-Pathé N. Y., tendo os principaes papeis ao cargo dos garotos Fred Ernest Morrison, mais conhecido como* moleque Chico, *Mickey Daniels e outros traquinas.*

Assim vamos acompanhar o systema que a esperteza formidavel do Chico Braz engendrou para obter num canto do seu quarto um systema completo de duchas, e tambem vamos ver as espertezas do Pintado, que não quer aprender rabecão, mas amarra o rabo do seu cão ao arco do violão, para assim enganar a mamãe. Nem assim o malandrote escapa de um banho completo e de umas vigorosas fricções, para melhor fazer circular o sangue.

O moleque Chico Braz sahe a passeio com as suas duas manas, porém, como é preciso ajudar a

(SATURDAY MORNING)

mamãe, que é lavadeira, vae o trio entregar roupa, utilisando-se de um velho *tilbury*, cujas rodas descrevem perigosas curvas e ellipses complicadas.

Já bem longe de casa encontram o elegante Alcebiades, fliho de gente rica, mas cuja alma de creança tem sede de se divertir, talqualmente a pirralhada de gente pobre. O creado que o acompanha anda namorando uma governante e, portanto, não é difficil toda a pequenada se reunir e se afastar da estrada, para brincar á vontade, provocando um outro petiz que estava pescando, originando-se dahi uma briga e um banho geral.

Entre gente grande, sempre ha complicações depois das brigas, porém, no povo miudo, a reconciliação é immediata, assim é que dahi a pouco toda a tropa de garotos resolve brincar de piratas. Para isso requisitam uns caixões velhos que por ali andavam, arma-se de uma vela com um lençol, que estava corando, e lá se vae toda a tropa, numa jangada improvisada, que finalmente encalha e afunda, deixando os navegantes enlameados e sem recursos para voltarem para casa.

Já Chico Braz, como grande chefe, estava tratando de armar mais uma das suas muitas manhas para divertir a todos, quando chega o creado de Alcebiades, um policia, a energica mamãe do Pintado e mais algumas pessoas, todos á cata dos famosos garotos fugitivos, e então é que se vê para que servem as pernas e como a gurysada já pratica galhardamente o lemma: "salve-se quem puder ou quem tiver amor ao pello".

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Facemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

CANTO (Rio) — Pela carta de 25 de Abril verifica-se que tem uma natureza presumpçosa, embora se esforce por parecer modesto. O seu espirito é frio, tacteante e cheio de egoismo. Tem vontade ambiciosa mas de energia desegual, de modo que poucas vezes consegue tudo quanto deseja.

Liga a maior importancia a seus instinctos sensuaes, que procura satisfazer a despeito de quaesquer conveniencias. E' precavido e desconfiado. Seu coração fechado á bondade, apenas se abre um pouco para o pequeno circulo de pessoas intimas.

MULHER PERIGOSA (Victoria) — Póde ser que seja o que exprime o seu pseudonymo. Realmente, é muito dissimulada, e nisso está um grande perigo... para os outros. Não duvida lançar mão do recurso da inverdade para realisar seus fins que, aliás, não são inconfessaveis, pois o seu coração é extremamente bondoso.

(Lá se foi o perigo por agua abaixo!). Na indifferença do seu espirito, absorvido quasi sempre num vago idealismo, não póde haver maldade que faça perigar os que comsigo tratam. De maneira que o seu grito d'alma (o pseudonymo), talvez se refira a originaes e extraordinarios caprichos no terreno do amor...

CHILON (São Paulo) — Pois escreveu maravilhosamente bem no papel sem pauta! Provou, em primeiro logar que era um espirito recto, sufficientemente vibrante, um tanto sonhador, mesmo capaz de viver o seu quarto de hora em puras fantasias. Mas só esse pequeno espaço de tempo. Grande parte d'elle é empregada no aproveitamento da sua bossa commercial. Talvez não seja profissional, mas é evidente a sua tendencia para ver em tudo materia de negocio. E o interessante é que não é tanto por simples ambição de dinheiro, pois não lhe falta nem desinteresse no espirito, nem generosidade no coração. A propria vontade que, aliás, é firme, não demonstra esse poder ambicioso. Será então o que o vulgo chama — uma "cachaça" — e, certamente, de grande proveito, não só pela já assignalada bondade cordial como ainda pelo farto custeio que proporcionará aos seus instinctos sensuaes, fortes e permanentes.

YEDDA (Parahyba do Sul) — Os indicios da sua lettra levam-nos a crer que se trata de uma creatura expansiva, voluntariosa, mas um tanto desorientada, talvez por exaggerada excitação nervosa. Sua tendencia é para o arrojo de sentimentos. Não tem calma para se conservar no meio termo e dissimular contrariedades. A vaidade e o egoismo são o fundo de taes temperamentos.

AMERICA (Florianopolis) — Temperamento cheio de irregularidades, ora altivo, ora humilde, sendo que esta ultima qualidade parece recurso dissimulatorio. Ha alguma bondade cordial, mas são mais influentes os traços que denunciam o egoismo. A vontade não é das mais fortes, mas possue bastante constancia.

FRANCISCA DANOSTAL (São Paulo) — A carta em papel amarello não exprime desespero. Pelo contrario, indica a sua lettra um espirito tranquillo, sabendo perfeitamente dissimular quaesquer contrariedades. Achamos traços de algum egoismo pelo dinheiro, é certo, porém contrabalançados pelo bater de um coração esmoler. Ha, realmente, indicios de ambição de glorias intellectuaes, e ha tambem boas disposições internas para conseguir alguma cousa nesse sentido. A' sua vontade falta, porém, uma certa teimosia para vencer alguns obices, e d'ahi o não ter ainda alcançado o seu intimo desejo. Mas os dissimula perfeitamente a contrariedade que isso lhe causa, e, mesmo sem essa glorida se considera feliz.

CACETEANTE (Rio) — Eis um temperamento bem feminino: o seu. Vaidoso, espalhafatoso, voluvel, mas gentil e delicado. Isso, em traços geraes. Descendo a minucias descobre-se facilmente um espirito muito vibrante, mas pouco ponderado, quasi sempre em conflicto com as theorias do senso commum, talvez pela preoccupação de ser original ou *notavel*... A sua vontade é arrojada e muito firme, procurando sempre subir de alcance em suas exigencias. E' capRichosa e muito cheia de floreados em suas expressões. Tem algum idealismo, mas muito pouca bondade cordial.

MINHA ESPOSA MODELO

(*Fim*)

enfermeira de recurso, uma creada, não estava em condições requeridas. Natalie, então, offereceu-se e o medico agradeceu-lhe o sacrificio. Em seguida, falando sobre o acontecimento, o medico extranhou que o ferimento de Manuel fosse na omoplata, quando elle não dera as costas ao adversario. A' observação do facultativo evocou no espirito de Natalie aquelle vulto que atravessava o matto para o logar do duello, mas calou as suas suspeitas. E o tratamento de Manuel iniciou-se sob os cuidados desvellados de Natalie, entrando o enfermo dentro de breves dias em franca convalescença, do ferimento recebido. Do ferimento apenas, porque do coração o seu estado se aggravava.

Um dia, emquanto sentado na *chaise-longue*, a respirar o ar fresco e embalsamado do jardim, Manuel fez a declaração de amor á sua dedicada enfermeira.

Natalie ficou pensativa; só ella sabia a extensão do seu affecto por La Tassa, entretanto, sempre pensara para marido num desses espiritos que encaram a vida pelo seu aspecto serio e util, e Manuel era um ocioso. O fio dos seus pensamentos foi, porém, interrompido pelo rumor de um auto: era a mãe de Manuel que chegava acompanhada de uma joven.

Manuel apresentou-lhe Natalie, em seguida apresentou a esta a moça que viera com a Sra. La Tassa:

— A senhorita de Varella...

— Noiva de meu filho, ajuntou precipite a velha dama.

Natalie empallideceu e Manuel protestou:

— Não! apenas uma boa amiga. Porque, de resto, minha mãe, eu amo a senhorita Chester, de quem já solicitei a honra da sua mão.

— Que! exclamou a orgulhosa castelhana, uma mulher que vive ás voltas com cavallos, esposa de um La Tassa!

— Está bem, Manuel! Eu entendo, respondeu serenamente Natalie.

E a despeito dos protestos do rapaz, uma hora depois ella partia no seu auto para Buenos Aires.

De regresso á capital, Natalie comprehendeu na immensa saudade do seu enfermo o muito que ella o amava, e emquanto esperava a sua volta entregou-se ao mister de resolver o enigma que nunca mais lhe sahira do espirito: que relação havia entre o ferimento de Manuel nas costas e aquelle typo mal encarado que lhe cruzara os passos no bosque, no dia do duello.

Nesse interim, um dia ella recebeu um ramo de flores acompanhado de um cartão de Grossa, pedindo-lhe que esquecesse a sua má conducta e que provasse o seu perdão, acceitando o seu auto para a proxima batalha de flores do Carnaval. O seu primeiro movimento foi atirar tudo aquillo para a cesta, mas veiu-lhe logo o pensamento do mysterio e ella viu no convite uma opportunidade para desvendal-o.

Foi terrivel o choque para o coração do pobre Manuel, ao ver a creatura dos seus ideaes ao lado de Pedro Grossa, na brilhante carruagem, ostentando sua graça e formosura, que naquelle momento mais do que nunca lhe pareceram soberanas.

Por seu lado, Pedro não cabendo em si de contente, quiz prolongar aquella noite gloriosa para as suas intenções, e convidou Natalie para ver dansar o tango, como se dansa na sua terra.

E Natalie viu-se conduzida a um desses *cabarets* de sub-solo, onde se reune o mundo duvidoso nas grandes cidades. Ali ella notou a familiaridade com que era recebido Grossa pelos frequentadores do antro. No meio destes uma cara não lhe era desconhecida e o seu coração pulsou sob violenta emoção.

— Quem é aquelle homem? perguntou ella a Grossa.

— E' o que chamaes em vosso paiz "um homem revólver".

E como o individuo saudasse a Grossa com ar de intimidade, Natalie que nelle reconhera o individuo do bosque, mostrou desejos de lhe ser apresentada. E um minuto após ella entabolava conversa com o tal individuo, que accudia ao nome de Gomez, e adquirira a certeza de ser elle quem atirara em Manuel pelas costas, na occasião do duello deste com Pedro Grossa. A's cinco da manhã, quando Natalie se recolheu ao seu hotel, todo o plano estava architectado em sua cabeça. Confiando ao seu jockey Danny a parte que lhe cabia na execução do plano, na noite seguinte ella fez, desta vez sem Grossa, nova visita ao *cabaret*, onde encontrou Gomez, contra o qual assestou a bateria dos seus feitiços. E de tal modo preparou ella os acontecimentos, que, pouco dias depois, a grande festa que se realisava no palacio do presidente da Republica, ia em pleno fulgor e animação, quando, de repente, foi interrompida pela brusca irrupção, em pleno salão de dansas, de uma figura grosseira, cujos passos dois guardas procuravam embargar. No meio do insolito escandalo, Natalie avançou e falou em altas vozes:

— Sei a grave responsabilidade do meu acto, mas eu fui quem preparou a presença deste homem aqui. Elle é o autor do tiro que ha dias feriu Manuel La Tassa pelas costas, e este, ajuntou ella apontando para Pedro Grossa foi o mandante do crime.

Grossa saltou, tentando um energico desmentido, mas viu-se atalhado por Gomez:

— Não minta, Pedro! bradou elle. Tu me puzeste nesse negocio, agora tira-me delle ou expia commigo!

A sua missão estava cumprida e Natalie nada mais tinha a fazer ali. Quando porém ella se approximava da sua *limousine*, foi alcançada por Manuel.

— Fizeste tudo isso por mim, minha adorada... por mim que tão mal te julguei...

— Oh! retrucou ella, não ha merito na minha acção, porque eu servia ao meu proprio amor.

Manuel tomou-a nos braços e beijou-a com fervor. E como lhe falasse ella não desejava outra coisa, mas tinha uma condição: elle assumiria o seu logar no parlamento, para restaurar o brilho do seu nome que se apagava na dispersão de uma vida inutil.

A que condições não se submetteria Manuel para conquistar o thesouro de graça e de espirito que era Natalie?

E por isso elle era absolutamente sincero e verdadeiro, quando, ao ser lido no Senado o decreto do presidente nomeado embaixador nos Estados Unidos, se levantava e, serenados os applausos, declarava:

— Com o auxilio da minha esposa americana, espero desempenhar os meus novos deveres com brilho e honra para o meu paiz.

A' PORTA DO THEATRO

(*Fim*)

parte na representação com applausos ás figuras sympathicas da peça e apupos ás antipathicas. Se não fosse mesmo a intervenção da policia da casa, elles teriam invadido a scena para castigar o villão que maltratava a desventurada.

A segunda experiencia não fôra desastre menor do que a primeira. Margie indagava a si mesma; seria o methodo errado ou o director da escola estava illudido sobre a cruzada regeneradora? Quasi ao mesmo tempo que

ella chegava á casa recebeu um chamado urgente de Lester Hicks, que pedia a sua assistencia numa das crises que o assaltavam intermittentemente. Margie appressou-se em soccorrel-o, indo encontral-o em estado de verdadeiro desespero.

— Vós a haveis substituido! exclamou o enfermo de amor, quando a viu. Não posso viver sem vós. Se casardes commigo, porei fim a tudo! E como fizesse menção de realizar a ameaça, empunhando um revólver, Margie gritou:

— Não, não faça isso! Eu me casarei comvosco.

— Immediatamente? indagou Hick anciosо.

— Sim, neste momento, prometteu ella.

Neste momento a porta abriu-se e Chadwick com uma das coristas que estava com elle no camarote, entrou.

— Olá, camarada velho!

E como se surprehendesse com a presença de Margie, gaguejou:

— Peço perdão! Eu... eu apenas vinha para apresentar minha noiva.

A actriz secundou a comedia com mestria.

Nesse momento um outro figurante entrou em scena: era o velho Carr, que trovejava colerico:

— Que significa isso?! Que estás tu fazendo aqui a esta hora da noite?

E a Hicks que lhe declarava que Margie e elle se casariam no dia seguinte, Carr respondeu:

— Sim, tu pensas isso, mas ella é minha filha e vae já commigo para casa.

Na manhã seguinte a primeira visita que Margie recebeu foi a de Chadwick.

— Então, tu vaes mesmo te casar com Hicks? interpellou elle.

— Mas Chadwick, elle precisa de alguem que o conforte moralmente...

Chadwick resolveu, então, narrar toda a comedia a Margie, e esta com uma grande alegria nos olhos risonhos:

— Quer dizer que não precisa mais que eu me case com elle?

— Não, com elle não, mas commigo é já.

UMA VICTIMA DA SOCIEDADE

(*Fim*)

lhe que de nada sabia. Laura supplicou a Bob que salvasse seu marido, e o gatuno, com uma expressão de grande acabrunhamento, exprimiu-lhe a sua impotencia: elle tambem nada sabia a respeito do tal caso. Mas Shadwell não era homem que se deixasse embrulhar por gente daquella especie e, chamando os seus ajudantes, ordenou-lhes que puzessem as algemas em Sid.

E Shadwell cumpriu assim a sua promessa. — Sid foi condemnado pelo velho caso que o *detective* possuia contra elle. Algum tempo depois, Laura era mãe. Esta era a surpresa que ella guardava para o marido e que na noite da prisão de Sid esteve quasi a revelar-lhe. No ultimo instante, Laura resolvera calar-se. Ella mesma não estava na imminencia de ser absorvida pela degradação, pelo facto de se haver unido a um homem que a fatalidade jungia definitivamente ao mundo do crime? Compadecidos da sua desgraça, não se dispunham os antigos companheiros de Sid a vir em seu auxilio? E como recusaria ella, pobre e indigente, esse amparo? Não, sua filha não conheceria aquelle meio, aquella gente, não seria entregue pela policia a nenhum patronato; e o unico meio para isso era o sacrificio supremo: dal-a por adopção a alguem capaz de fazer della uma moça honesta e digna. Era, portanto, indispensavel que Sid ignorasse o nascimento da filha, e Laura nada lhe disse. Laura, que fôra ter o seu "bom successo" em uma outra localidade, esbarrou ali com Shadwell. Este abordou-a, perguntando o que havia sido feito della: havia seis mezes que não a tornara a ver. A moça detestava aquella figura de perseguidor obstinado e respondeu-lhe que não tinha contas a dar-lhe.

O *detective* fel-a prender como va-

dia. Laura empallideceu: mal acabava de soffrer momentos de martyrio com o abandono do entezinho querido, e o destino vibrava-lhe outro golpe! O seu receio agora era que o inquerito de Shadwell descobrisse o seu segredo. Na prisão, onde aguardava o procedimento da policia, encontrou-se com uma desgraçada a quem contou suas penas. Esta tirou uma chave que trazia escondida, e apresentou-lha, propondo: "Tenho no meu quarto objectos roubados nos armazens "Providencia", roubo efectuado no tempo em que estavas no hospital da maternidade".

— De maneira que se eu fôr accusada do roubo, elles não suspeitarão de que estive na maternidade, observou Laura com melancolica ironia.

Mas Laura preferia passar por ladra, arriscar a sua liberdade, a revelar que tinha uma filha. Assim quando foi chamada, Shadwell descobriu a chave em seu poder e disse-lhe que ia mandar proceder a uma busca no seu quarto. Ella seguiria dali com elle para a cidade.

No dia seguinte, Shadwell, sempre com a idéa fixa de descobrir o famoso collar, deu ordem para que Sid fosse posto em liberdade condicional. "Quando Chambers se dirigir para casa, seguirei seus passos. Tenho agora um meio de obrigal-o a falar", dizia o *detective* de si para si. E assim fez, effectivamente.

Não havia muito que Sid e sua mulher trocavam suas tristes effusões quando Shadwell irrompeu, dizendo que ainda não desistira do collar.

— Ouve, cá, Shadwell, disse-lhe Sid, já fiz o meu tempo e agora nada tenho a receiar de ti. Vae-te embora!

— E' verdade, chasqueou o *detective*, contra ti nada tenho, mas tenho contra esta. E apontou para Laura. Vou-me embora e pergunta-lhe o que é que foi encontrado no seu quarto. E amanhã de manhã venham ao posto.

Quando o policial se retirou, Laura, apavorada, com receio de que seu marido soubesse do nascimento da creança e do que ella havia feito para a subtrair áquelle meio, inventou um crime imaginario, para explicar as allusões do *detective*. Sid sentiu-se atordoado e murmurou num grande desanimo:

— Então não é possivel caminharmos na boa estrada, não é verdade minha querida?

Fez uma pausa e depois continuou:

— Não te posso salvar do despenhadeiro, mas ajustarei contas com Shadwell.

Disse e sahiu precipitadamente. Se o marido matasse o *detective*, seria a electrocução, pensou Laura, apavorada, partindo apressada para a residencia de Shadwell no arrabalde.

Ao receber o aviso da pobre mulher aturdida e afflicta, o *detective* telephonou ao sargento que deixasse entrar Chambers que devia chegar dentro em pouco e o agarrassem. "E' a conta para vinte annos", commentou elle, deixandoo phone. E acto continuo passou a interrogal-a sobre o que ella sabia da quadrilha. Nesse momento a esposa do *detective* entrou acompanhada de uma linda creançinha. Laura fitou um instante a menina e soltou um grito:

— Meu Deus! Ah! é minha filhinha... minha filhinha... e precipitou-se para a petiza.

— Oh! com os diabos, bradou Shadwell, arregalando os olhos para a esposa.

Nisto, Sid entrou na sala e fez menção de sacar do revólver, mas o *detective* dominou-o. Sua mulher então falou:

— Ficaste intrigado com o desapparecimento da Sra. Ray, logo que adoptámos sua filha! Eis ahi a Sra. Ray, concluiu ella, apontando para Laura. Consegui guardar-lhe os traços.

Laura, ao ouvir esta declaração, desmaiou. Quando voltou a si do desmaio, a Sra. Shadwell poz-lhe a creança no regaço e pediu com palavras brandas que lhe contasse a sua historia. Laura, então, narrou-lhe porque motivo se sujeitara ao sacrificio de se separar de sua filhinha.

Sid, fortemente commovido, chorava, correndo para a esposa que lhe dera aquelle presente do céo. "Nosso filho!" murmurava elle, ajoelhando-se aos pés de Laura.

O *detective* viu um olhar de censura no rosto de sua esposa. Apanhando o phone ordenou: "Alló! Reilly? Olha, destroe as fichas criminaes contra Sid e Laura Chambers. O processo contra elles fica sem effeito!"

LAÇOS EM PENHOR

(Fim)

Se elle não pudera sustentar a filha e dera-a a Venzia, este exigira em paga do amor e do desvello que ia dedicar á creança os seus sentimentos de verdadeira filha, e isso só seria possivel se ella ignorasse o seu nascimento. A cura de Bruce foi rapida, mas não tanto que lhe não desse tempo para sentir que o seu destino estava irremediavelmente ligado ao da sua encantadora enfermeira. A confissão não tardou e Bruce ouviu, n'um mixto de alegria e tristeza, que o seu amor era correspondido, porém, que ella não poderia ser sua esposa; havia promettido sua mão ao Dr. Crang, e, posto não o amasse, estava presa á sua palavra. Bruce, acabrunhado, indagou a razão e Clara suppplicou-lhe não insistir. Mas o motivo Bruce não tardou a descobrir. Nesse mesmo dia Crang appareceu e do quarto onde estava o rapaz apanhou trechos do seu colloquio com a moça. O doutor ameaçava Clara, falava em policia e a moça implorava-lhe piedade com um grande terror na voz. Apezar de ainda fraco, Bruce não se póde conter, precipitou-se fóra do quarto e apostrophou a homem. Crang replicou-lhe insolente que "se mettesse com a sua vida", e vibrou uma bengalada no rapaz. Bruce cego de raiva avançou contra o seu aggressor e a lucta só terminou quando Crang rolou escadas abaixo para não mais voltar. O esforço, entretanto, fôra violentissimo e Bruce teve o seu ferimento reaberto, peorando consideravelmente. A' noite, teve febre e delirou, e Clara, aterrada, sobrepondo a vida do ente caro a tudo, chamou novamente o Dr. Crang. Este não se fez esperar, declarou grave o estado do doente, aliás, por culpa exclusiva delle, e que era urgente leval-o para o hospital. Elle proprio se encarregaria disso. Mandando, então, chamar o taxi de Hawkins, accommodou nelle o enfermo e quando se iam por em marcha, disse ao velho Hawkins.

— Toca para a minha casa. Mas, olha, nem uma palavra á Senhorita Venzia.

O *chauffeur* engrolou qualquer coisa e partiu. Quando Bruce abriu os olhos ficou espantado do logar em que estava. Crang declarou-lhe que o conservaria ali até realizar o seu casamento com Clara.

Depois, com um sorriso sarcastico nos olhos máos, informou a Bruce que durante o delirio elle se havia "entregue" e agora ia fazer-lhe o favor de escrever duas cartas — uma a Clara confessando que a denunciara, e outra a Larmond, chamando-o a New York, para verificar a maneira por que elle trahira a sua confiança. Sob ameaça de torturar Clara, Bruce submetteu-se, mas lembrou-se da tinta invisivel que recebera de Larmond para a sua correspondencia, e, no mesmo papel em que escreveu segundo as instrucções de Crang, traçou outra missiva invisivel. Clara soffreu uma grande decepção, quando leu a carta, mas as lagrimas por ella derramadas cahindo sobre o papel revelaram os caracteres invisiveis. O incidente não passou desapercebido ao Dr. Crang, que partiu jurando não perder a partida. Alguns dias depois, Larmond recebia a carta de Bruce, partia para New York, e, diligente, descobria o paradeiro de Bruce, apresentando-se em casa do doutor, justamente quando Bruce, disposto a tudo, acabava de por *knock-out* o famoso medico, após um combate em regra. D'ali, acompanhado de Larmond, Bruce correu á casa de Clara, mas viu-se precedido por Crang, que, prevendo os acontecimentos, apressou-se em exigir da moça que o casamento se fizesse immediatamente. Clara não teve outro remedio senão submetter-se, e foi combinado seguirem acto continuo para a egreja: ella e seu pae iriam num auto e Crang em outro. Mas por desgraça do medico coube a Hawkins leval-os no seu taxi. Ora, Hawkins sabia que aquelle casamento era tido em horror por Clara e que só se fazia porque o medico tinha o velho Venzia nas mãos, por isso murmurava comsigo mesmo: "Diabos me levem se eu não preferisse matar esse canalha a deixar que elle tocasse na minha filha". Mas no ultimo momento Paul Venzia sentiu-se mal e não póde ir á egreja e Clara tomou o mesmo carro que Crang, sem que Hawkins percebesse a modificação. Atraz do auto de Clara seguia o de sua mãe, e, depois de algum tempo de marcha o cortejo foi augmentado de mais um carro — o de Bruce e Larmond, que chegando á casa de Clara haviam sido postos ao par dos acontecimentos e partiram no encalço do medico e da sua victima. No *guidon* do taxi, Hawkins via bailarem-lhe no cerebro estas idéas sinistras: "Atiro o carro no rio e afogo-o elle lá dentro. Ah! a minha pequena não terá a vida arruinada por esse bandido! E apertando o pé no accelerador, Hawkins aproou o carro para o rio e alguns segundos após, num salto terrivel, o carro projectava-se n'agua. Bruce, que assistira á scena, soltou um grito de terror e arrojou-se do seu auto, precipitando-se tambem na correnteza onde derivava o taxi de Hawkins. A lucta foi titanica, mas Bruce conseguiu arrebatar sua querida á morte certa e medonha. Quando a moça voltou a si, teve um sorriso feliz vendo a seu lado a figura anciosa de John.

— Mas, por que commetteu Hawkins essa loucura? falou ella debilmente.

Clara ignorava a nobreza daquella alma e o heroismo do seu sacrificio. Hawkins levara o segredo comsigo para o tumulo.

◇

The Shock, da Universal, com Lon Chaney e Virginia Valli nos primeiros papeis, foi bem recebido em New York.

◇

Marion Davies, partiu para a Inglaterra para assistir á *premiere* do seu film *Little old New York* em Londres. Depois, irá á Italia e á França,

Tenha pena de sua esposa e de seus filhos

TOME O ELIXIR "914"

Em cada 10 nascimentos, 9 creanças nascem mortas, quando os paes são syphiliticos. Evita-se a mortandade tomando o ELIXIR "914". 95 °|° dos abortos provêm da syphilis. O ELIXIR "914" evita os abortos. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O ELIXIR "914" é um tonico poderoso contra essa terrivel molestia. Tratar a syphilis sem injecções e sem atacar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o ELIXIR "914". O ELIXIR "914" é usado nos hospitaes e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contém iodureto. Agradavel como um licor.

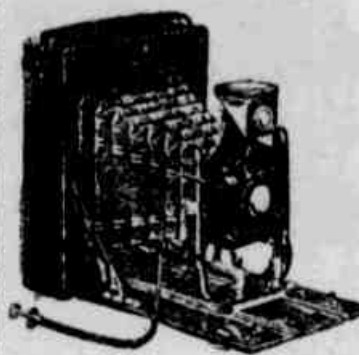
ENCONTRA-SE EM TODA PARTE

Telephone 4165 Central.

Especialidade em calçados finos

CASA-BERTEA

MATERIAL PHOTOGRAPHICO

End. Teleg. "Osiris". Tel. 6385 Central

Importação e Exportação em grande escala de artigos para photographia e artes correlativas — Executam-se todos os trabalhos dos Srs. Amadores.—Laboratorio á disposição dos mesmos. — Lições scientificas e praticas. Todo o material é recebido directamente das proprias fabricas. Deposito dos apparelhos e especialidades Kodak.

Representante dos apparelhos A. Prevost & C. de Milano e das objectivas Dallemeyer & C. de Londres. — **Rua 7 de Setembro, 145** — RIO DE JANEIRO.

Bom conselho, Exma.

Antes de comprar o seu chapéo é de vosso interesse ver os lindos modelos da

Chapelaria Vargas

SEMPRE NOVIDADES. PREÇOS MENORES

Reforma qualquer chapéo em 48 horas

Rua 7 de Setembro, 120

Entre Uruguayana e Travessa de S. Francisco

Telephone. 4125

ELIXIR DE

INHAME

DEPURA

FORTALECE

ENGORDA

V. S. precisa d'este incomparavel alimento

A Aveia Quaker constitue o mais poderoso factor do crescimento. E' praticamente um alimento completo; um verdadeiro alimento ideal.

O seu medico lhe dirá que elle contém os 16 elementos necessarios, e que é um productor de energia duas vezes maior que a carne e possue mais de tres vezes a quantidade de elementos nutritivos do arroz.

Como factor do crescimento infantil nada se lhe compara.

Como alimento para doentes e debilitados, todos os medicos reconhecem o seu valor.

A todos é necessario, todos os dias.

Nenhum outro alimento produz tanto vigor e tanta energia vital.

Vem comprimida em latas e 1|2 latas hermeticamente fechada — unico acondicionamento que lhe garante a conservação indefinida da frescura e do sabor.

Os mingaus de Aveia Quaker são deliciosos.

Quaker Oats

Off. graphica d'O MALHO